

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

SÉRGIO DANIEL NASSER

COCH/UFU
Correspondência Recebida
em 29/12/05
Pabst

“SAÍ DO CÉU E ENTREI NO INFERNO”:
MIGRAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES NO INTERIOR DE SÃO PAULO –
JARDINÓPOLIS - (1990-2005)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

3171(c)
s.9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CBH
Campus S^a Mônica - Bloco 10 (Anexo Minas)
Av. Universitária S/Nº
Tel 38400.907 - Uberlândia - M.G. - Brasil

SÉRGIO DANIEL NASSER

“SAÍ DO CÉU E ENTREI NO INFERNO”:
MIGRAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES NO INTERIOR DE SÃO PAULO –
JARDINÓPOLIS - (1990-2005)

Monografia apresentada pelo aluno Sérgio Daniel Nasser como requisito para obtenção do título de graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação do Prof.º Dr.º Paulo Roberto de Almeida.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

2005

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr.º Paulo Roberto de Almeida - UFU
(orientador)

Prof.ª Dr.ª Célia Rocha Calvo – UFU

Prof. º Ms. Sérgio Paulo Moraes

AGRADECIMENTOS

Um abraço para as pessoas que colaboraram, de maneira direta e indireta, para a realização deste trabalho, em especial meus pais e irmãos pelo apoio moral e financeiro. Aos colegas de curso pelas discussões conjuntas e convivência. Aos amigos de Jardinópolis e Uberlândia pela ajuda no recolhimento de fontes e informações para o trabalho. Ao amigo Rafael Marques Mininel, que gentilmente revisou a ortografia do trabalho, no qual me responsabilizo por qualquer erro. Aos depoentes que pacientemente abriram mão do tempo de descanso para relatar as experiências. Aos muitos companheiros do Centro de Documentação e Pesquisa em História – CDHIS, local privilegiado de formação, que deveria ser mais aproveitado nas atividades do Curso de História. Aos técnicos administrativos da UFU e, em especial, do Instituto de História. Aos professores do curso, principalmente à professora Maria de Fátima e ao professor Paulo Almeida pelas sugestões e orientação. À minha queridinha, um grande beijo. Obrigado a todos vocês.

RESUMO

Esta monografia analisa as transformações provocadas na cidade de Jardinópolis, situada no interior de São Paulo, próxima a Ribeirão Preto, a partir da década de 1990, momento em que crescem as migrações para a cidade, crescendo dessa maneira a população local.

Esse crescimento é muito sentido pelos moradores, alterando formas de relações típicas da cidade, que passa a ser constituída por uma diversidade maior de sujeitos, ampliando consequentemente as diversas visões e interesses pela ocupação local.

Através da análise de fontes orais foi possível comprovar alguns conflitos presentes no interior da cidade, expressos nos depoimentos dos mais diversos moradores. A disputa pelo direito à cidade, a construção de sentidos para as transformações e as relações entre poder público e população são algumas das questões analisadas.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	06
-------------------	----

CAPÍTULO I

UM ESPAÇO A CONQUISTAR: EXPERIÊNCIA DE NOVOS MORADORES.....	13
---	----

CAPÍTULO II

UM TEMPO PERDIDO: EXPERIÊNCIA DE ANTIGOS MORADORES.....	35
---	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
---------------------------	----

FONTES.....	54
-------------	----

BIBLIOGRAFIA.....	56
-------------------	----

APRESENTAÇÃO

Finalmente a Apresentação, parte final de um caminho que está apenas começando. Esses primeiros anos de estudo de História, compartilhado com meus colegas da graduação, foi um tempo de grandes transformações em minha vida. Aprendi a olhar o mundo de forma diferente, aprendi que estamos sempre aprendendo a olhar o mundo. E quanta importância isso tem numa época em que os grandes meios de comunicação se julgam porta-vozes legítimos da sociedade, numa época em que um discurso que se quer único se julga no direito de determinar todos os rumos. Romper com esse modelo é uma das possibilidades do estudo, pesquisa e ensino de história.

A escolha de um tema de pesquisa, dos autores com quem dialogar, dos pares acadêmicos é uma opção feita pelo estudante em cima de tudo que foi visto nesses anos de graduação. Essa opção revela nossos anseios, nossas preocupações e até mesmo nossos posicionamentos políticos frente a um presente complexo e de difícil interpretação.

Nesse sentido, esta monografia traz discussões sobre as migrações e transformações ocorridas na cidade de Jardinópolis, interior de São Paulo, nos anos 1990. O interesse pelo tema surgiu por eu ser morador da cidade e após ter mudado para Uberlândia, fazendo somente visitas periódicas no local, passei a perceber que os moradores da cidade passavam por novas formas de convivências.

As modificações de relacionamento foram provocadas pelo crescimento de habitantes da cidade, que trouxe novos sujeitos que passaram a compôr a vida urbana, ampliando os conflitos de interesses sobre a ocupação local. Refletindo sobre essas modificações, pude constatar que vinham ocorrendo principalmente desde meados da década de 1990, período que aumentou a política de loteamentos em Jardinópolis, sendo criados diversos bairros, que atraíram muitos habitantes.

Algumas das questões que surgiram após esse crescimento populacional serão foco de análise deste trabalho. Através de depoimentos colhidos junto aos moradores da cidade, pretendi confrontar as diversas visões sobre Jardinópolis. As entrevistas foram realizadas com moradores mais antigos da cidade, residentes principalmente nas áreas centrais, e com moradores recém instalados nos novos bairros, especificamente, Jardim

São Gabriel e Jardim Morumbi I, ambos criados sobre a forma de loteamento, na segunda metade da década de 1990.

Sabemos que toda pesquisa histórica, independente do período abordado, tem em vista compreender o presente. Assim, quando nos debruçamos na pesquisa, nossos anseios são sempre questões que nos acompanham no nosso presente, mesmo quando não nos damos conta disso.¹

Quando lidamos com as fontes na pesquisa, longe de sermos passivos, acreditando que guardam toda a verdade do acontecimento, assumimos uma posição de diálogo com o documento, na qual o resultado final é uma interpretação que carrega a visão de mundo do historiador.

Tal visão de mundo do historiador influência ainda mais no trabalho final da pesquisa, quando esta é referente há um tempo e local em que vive ou viveu, presenciando as transformações. Diante disso, escrever sobre a cidade em que nasci e vivi, tem um atrativo especial, na medida em que faço parte da pesquisa não só como sujeito pesquisador, mas como sujeito pesquisado. Em suas considerações sobre a pesquisa realizada sobre o século XX, Eric Hobsbawm escreve:

Meu tempo de vida coincide com a maior parte da época de que trata esse livro e durante a maior parte de meu tempo de vida – do início da adolescência até hoje – tenho tido consciência dos assuntos políticos, ou seja, acumulei opiniões e preconceitos sobre a época, mais como contemporâneo que como estudioso.²

Ter presenciado as transformações por que passou a cidade de Jardinópolis nos últimos anos, faz de mim, também, uma pessoa com uma série de opiniões formadas sobre as questões abordadas nessa pesquisa. Opiniões essas, que permaneceram em alguns casos, acentuaram em outros, ou se modificaram, conforme o diálogo com as fontes aprofundava-se. Se por um lado compreendo que foi justamente o fato de ser morador da cidade que motivou a discussão, por outro sei do rigor necessário para a conclusão de uma pesquisa historiográfica:

¹ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 62.

² HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX – 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 07.

*A principal tarefa do historiador não é julgar, mas compreender, mesmo o que temos mais dificuldade para compreender. O que dificulta a compreensão, no entanto, não são apenas nossas convicções apaixonadas, mas também a experiência histórica que as formou. As primeiras são fáceis de superar, pois não há verdade no conhecido mas enganoso dito francês tout comprendre c'est tout pardonner (tudo compreender é tudo perdoar). Compreender a era nazista na história alemã e enquadrá-la em seu contexto histórico não é perdoar o genocídio. De toda forma, não é provável que uma pessoa que tenha vivido este século extraordinário se abstenha de julgar. O difícil é compreender.*³

É necessário compreender, mas compreender está longe de ser uma questão neutra. A escolha do tema, a seleção das fontes e os focos de análise são opções do historiador que nada têm de passivas. As pessoas compreendem a partir de práticas, de vivências e de experiências próprias. Não quero dizer que a pesquisa histórica não possui métodos próprios de análise, mas que ela tem um sentido em existir, que é o nosso posicionamento político frente ao tema tratado, frente às possibilidades de superação e transformação de um presente, visando projetar possibilidades de futuro.⁴

As relações sociais travadas, tanto no presente quanto no passado, não são harmônicas, tampouco neutras; dessa maneira, também não são as produções historiográficas e as diversas correntes de pensamento histórico que disputam, no presente, concepções e posições, que variam desde o eruditismo puro e simples, até a compreensão da história enquanto ferramenta para a transformação social e superação do atual modelo desigual de sociedade.

Assim, o interesse por uma história mais politizada foi o que norteou meus caminhos nessa pesquisa:

*...queremos inverter a relação passado/presente para tornar mais explícita a relação do momento do qual partimos, ou seja, entre nossos problemas, nossas lutas e a experiência histórica de outros momentos, para conseguir assim politizar a história que transmitimos e produzimos.*⁵

³ HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX – 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 15.

⁴ FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru: Universidade Sagrado Coração, 1998, p. 264.

⁵ FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?. In: *História & Perspectiva*. Uberlândia: EDUFU, 1992, p. 6.

Discutir a vida dos moradores dos bairros Jardim Morumbi I e Jardim São Gabriel, situados na periferia de Jardinópolis surgiu de um incômodo que eu possuía sempre que ouvia moradores mais antigos da cidade culpar os moradores dos bairros pobres pelos problemas locais. Essas pessoas criminalizavam a pobreza dos moradores dos bairros periféricos, culpando-os pelos problemas sociais da cidade. As reflexões que seguem são frutos dessa primeira inquietação, que, a partir do diálogo com as fontes, foram ganhando forma, incorporando discussões e possibilitando formulações mais bem elaboradas sobre a cidade.

As fontes privilegiadas nesse trabalho foram os depoimentos dos moradores de Jardinópolis, não sendo excluídas, no entanto, outras fontes como jornais, livros e fotos. Assim como qualquer outra fonte, o trabalho com as fontes orais possui cuidados específicos. A primeira questão que podemos discutir é quanto sua origem. O depoente sabe do destino de suas declarações, assim, a fonte oral, como qualquer outra, não é neutra. Além do mais, o depoente construirá um enredo sabendo que ficará para a *posteridade*⁶, explicitando o que julga interessante conforme seus anseios.

Essa evidência não inviabiliza o trabalho com as fontes orais, pois não buscamos informações/dados quando entrevistamos um sujeito, mas compreender determinado ponto de vista sobre a cidade, compreender como as pessoas se relacionam e como interpretam as relações. Nesse sentido, a história oral abre possibilidades para pensarmos o presente e o passado, não pela busca de dados objetivos, pois, se estivéssemos em busca desses dados, teríamos outros meios mais eficientes de obtê-los.

Os depoimentos são muito esclarecedores se lermos as entrelinhas, se fizermos perguntas adequadas, se não nos preocuparmos somente com análises superficiais:

*...até nos testemunhos mais resolutamente voluntários, aquilo que o texto expressamente nos diz deixou de ser hoje o objectivo preferido da nossa atenção. Atemo-nos, de ordinário, com interesse muito mais vivo, ao que o texto nos dá a entender sem ter tido a intenção de dizê-lo.*⁷

⁶ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 77..

⁷ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 78..

Os diversos depoimentos dos moradores de Jardinópolis apresentam aspectos significativos sobre as relações cotidianas travadas na cidade. Algumas questões presentes nesses relatos dificilmente aparecem em outros documentos. É óbvio que nenhuma fonte fala sozinha, necessitando das perguntas do historiador para dizer algo; no entanto, as fontes orais abrem possibilidades para percebermos aspectos da vida comum que, muitas vezes, não aparecem em outras fontes, conforme relata, em entrevista, Alessandro Portelli:

Uma coisa que a História Oral pode ver, que todos os arquivos e a História convencional não vêem, é precisamente a vida cotidiana. Por exemplo, sobre a história das mulheres, a história da família, a história da casa, do espaço doméstico, ou seja, são coisas que só podem ser tocadas por meio das fontes orais, ou que se tocam melhor com as fontes orais.⁸

Ao falar do cotidiano os moradores elegem temas que estão estritamente ligados aos próprios anseios e relações pessoais, ou seja, que fazem parte de inquietações e, conseqüente, interpretações do presente particulares.

Quando saí para realizar as entrevistas, possuía minhas inquietações, minha problemática sobre as transformações nas relações sociais que ocorriam em Jardinópolis. No entanto, o resultado final das entrevistas foi muito mais abrangente do que imaginei no início.

Muitas questões que aparecem nos depoimentos surgiram dos próprios moradores, de seus anseios sobre a temática discutida⁹. Esse fato aponta uma importante questão em torno das entrevistas, seu processo de construção coletiva. As entrevistas surgem do contato de duas ou mais pessoas, geralmente, bastante diferentes; por isso, apresentam alguns momentos complicados, nos quais nem sempre o resultado é o esperado. Mesmo não conseguindo o resultado almejado, todos os aspectos da entrevistas são

⁸ KOURY, Yara Aun e ALMEIDA, Paulo Roberto de. História Oral e Memórias – Entrevista com Alessandro Portelli. In: **História & Perspectiva**. Uberlândia: Edufu, 2001/2002, p. 34.

⁹ Uma senhora entrevistada insistia em denunciar o enfermeiro do posto de saúde que abusava das mulheres que freqüentavam o local. Durante toda entrevista ela voltava ao assunto, citando o exemplo de sua filha e de algumas conhecidas que passaram pelo enfermeiro. A sua inquietação no momento era com esse caso, por isso retornava sempre ao assunto, talvez também por ver em mim, um “estranho”, a possibilidade de denunciar uma praticar que discordava veementemente.

significativos, como os silêncios ininterruptos, as recusas em falar e as desconfianças em relação ao entrevistador.

O trabalho com a fonte oral é muito importante, pois tem possibilitado algumas reflexões que dificilmente seriam possíveis com a pesquisa com outros tipos de fonte. A fonte oral apresenta outras versões sobre as transformações que ocorrem na região, muitas vezes, diferente daquelas apresentadas nas fontes oficiais como as Atas das Câmaras municipais. Assim, trabalhar com esses depoimentos consiste em pensarmos a construção de outras memórias e outras histórias:

Nosso propósito de lidar com as narrativas como práticas que se forjam na experiência vivida e que, também, intervêm nela, nos coloca o desafio de adotar e desenvolver procedimentos que nos possibilitem apreender o trabalho da consciência e incorporá-lo na explicação histórica. Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu próprio ponto de vista. Nesse sentido, temos esses enredos como fatos significativos que se forjam na consciência de cada um, ao viver a experiência, que é sempre social e compartilhada, e buscamos explorar modos como narrativas abrem e delineiam horizontes possíveis na realidade social.¹⁰

Os capítulos que se seguem, analisam as experiências dos moradores de Jardinópolis no processo de transformação que a cidade passa desde a década de 1990. A divisão dos sujeitos analisados nos capítulos não consiste numa visão maniqueísta da história da cidade, mas pauta nas experiências que eles possuem no cotidiano.

Ao escolher a divisão dos capítulos da maneira em que se encontram, priorizando alguns grupos no primeiro e outros no segundo, não tive a intenção de criar uma dicotomia social que vê os bons de um lado e os maus do outro. Pelo contrário, tentando compreender as maneiras de viver e de analisar o mundo dessas pessoas, procurei construir um texto em que fosse mais tranqüila a visualização dessas experiências e múltiplas visões sobre a cidade. Visões que também não são homogêneas dentro dos recortes sugeridos, pelo contrário, trazem também múltiplas interpretações, conforme as experiências de cada indivíduo.

¹⁰ KOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: **Muitas memórias, outras histórias**. Orgs. FENELON, Déa Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de, KOURY, Yara Aun. São Paulo: Olho D'água, 2004, p. 125.

No primeiro capítulo, analiso as experiências dos moradores dos bairros Jardim São Gabriel e Jardim Morumbi I, construídos em forma de loteamento e que possuem uma ocupação recente, iniciada na segunda metade da década de 1990. Questões referentes às relações com o poder público, relações com o restante da cidade, motivos da migração (a maioria dos entrevistados se mudaram recentemente para a cidade), dificuldades encontradas, são temas tratados nessa parte da pesquisa.

No segundo capítulo, analiso as experiências dos moradores mais antigos da cidade. O modo de ver as transformações da última década, criando significados para as mudanças são esclarecedores, apontando para o aumento de conflitos no interior da cidade. No mesmo capítulo, são discutidas algumas políticas recentes, que trazem questões ligadas às transformações dos últimos anos.

CAPÍTULO I

UM ESPAÇO A CONQUISTAR: EXPERIÊNCIA DOS NOVOS MORADORES

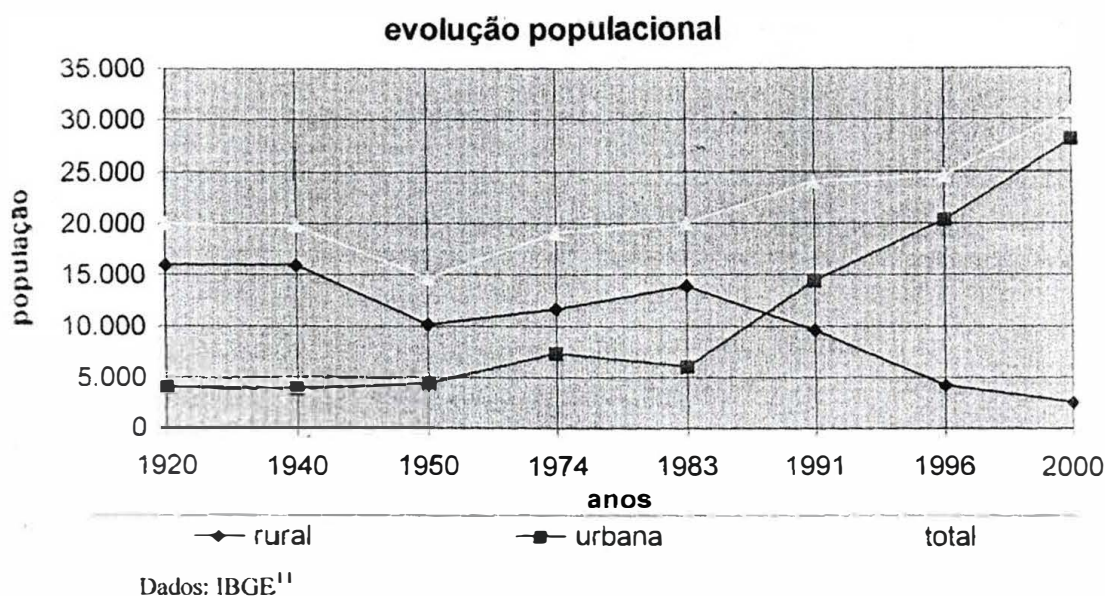
A verdade na rua

A verdade no povo

(Sidney Miller, Pois é, pra quê?)

O foco de análise deste capítulo são os moradores dos Bairros Jardim São Gabriel e Jardim Morumbi I, situados próximos à Estrada Arthur Costacurta na saída para Ribeirão Preto. Bairros esses que foram construídos em forma de loteamentos no final da década de 1990, portanto, formados por uma população que migrou recentemente para Jardinópolis, oriunda, principalmente, da cidade de Ribeirão Preto.

A migração recente para a cidade é facilmente percebida quando analisamos os números do censo demográfico:



De acordo com o censo, a população total da cidade de Jardinópolis aumenta continuamente desde a década de 1950, com aclives ainda mais acentuados nas décadas

¹¹ FILHO, Paulo Belati. *Diretrizes Físico Territoriais de Jardinópolis*. Monografia de Graduação do Curso de Arquitetura de Urbanismo. Ribeirão Preto, Centro Universitário Barão de Mauá, 2003, p. 14.

de 1980 e, finalmente, na última metade da década de 1990, quando a população passou de 24.615 habitantes para 30.729, com um crescimento de aproximadamente 25% da população em apenas cinco anos. A população das outras pequenas cidades da Região de Ribeirão Preto também aumentou no final da década de 1990, com destaque para Serrana, que foi a que mais cresceu proporcionalmente. É justamente neste último período de migração, que continua no início do século XXI, que está situada a vinda dos moradores dos bairros Jardim São Gabriel e Jardim Morumbi I.

Os moradores entrevistados contaram os motivos da vinda para Jardinópolis. O comerciante Edmilson, nordestino que mudou para o Estado de São Paulo em 1985, morando na Capital até 1993, quando se mudou para Ribeirão Preto, prestou depoimento na porta de seu mini-mercado, situado no mesmo bairro que mora, o Jardim Morumbi I. Edmilson chegou a Jardinópolis no ano 2000:

eu tava em Ribeirão trabalhava ali no Jardim Aeroporto e Jardim Aeroporto tinha muito problema com bandido, e de repente apareceu lá um concorrente mais forte que eu, encostou perto de mim e eu vim pra este lado de cá, olhei aqui vi a cidadezinha pacata tal, falei eu vou mudar pra este Jardinópolis, e gozado que eu vim pra cá olhei esse bairro aqui e falei 'pô é aqui que eu vou ganhar dinheiro' e eu vim pra cá e oh me estrepei, mas mesmo assim eu to contente, mesmo assim eu to contente.¹²

Os motivos da mudança para Jardinópolis foram a fuga da violência de Ribeirão Preto, buscando a tranquilidade das cidades pequenas, e a busca de alternativas para sobreviver, uma vez que a concorrência comercial *mais forte impossibilitou* seu sustento naquele local. Apesar de não ter conseguido ganhar o dinheiro que previu, Edmilson mantém um mini-mercado que possui um bom movimento.

O senhor Osmar, comerciante e morador do Jardim São Gabriel, que cedeu depoimento na porta de seu bar, depois de abordado por mim, que expliquei os motivos da entrevista, contou-me que mora na cidade desde o ano 2000, mas que nasceu em Jardinópolis, mudando em 1953, com 8 meses de idade para o Paraná. Um fato interessante que aconteceu nesta entrevista foi que a senhora Rubaldia, vendo o marido depôr sobre as questões do bairro, interferiu na conversa para falar dos problemas da

¹² Edmilson da Silva Costa, 38 anos, morador do Jardim Morumbi I há 5 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

cidade, sendo também entrevistada. Segundo o senhor Osmar, quando perguntado de onde surgiu a idéia de vir para Jardinópolis:

eu na época eu vim pra cá pro casamento da minha irmã aí eu vi o loteamento aqui e como eu era daqui eu, o que me atraiu aqui foi por isso, passei aqui, vi o loteamento, achei o preço bom, a prestação, aí resolvi construir aqui, porque Ribeirão é mais caro né.¹³

Os motivos da vinda para Jardinópolis foram a possibilidade financeira para aquisição dos terrenos, uma vez que *o preço é bom*¹⁴, e o fato ter nascido na cidade e possuir parentes no local.

Surge no relato uma questão importante, que aparecerá nas falas dos outros moradores recentes¹⁵ da cidade. Quando indagados sobre os motivos da vinda para a cidade, as respostas trazem justificativas para as chegadas, como se alguém, alguma voz, lhes tivesse tirando o direito de morar naquele local. Muitas vezes, a minha presença foi vista com desconfiança, o que, em alguns momentos, transformou a relação do depoimento em interrogatório, ao invés de interlocução.

Assim, quando o senhor Osmar diz que sua irmã já morava na cidade, e que ele próprio nasceu em Jardinópolis, está querendo afirmar o direito de estar naquele local, respondendo e justificando-se àqueles que não aceitam a presença desses moradores na cidade.

Em alguns trechos do depoimento de Edmilson também aparecem justificativas, perguntado sobre as coisas boas da cidade:

O que eu gosto desse bairro aqui é o sossego, apesar de eu já ter sido assaltado 4 vezes, mas não foi daqui do bairro, todas 4 vezes que me assaltaram foi lá da Vila Reis, mas o bairro mesmo não foi, porque esse bairro às vezes o cara faz uma propaganda feia dele,

¹³ Osmar Aparecido Peressin, 51 anos, morador do Jardim São Gabriel há 5 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

¹⁴ Um terreno no bairro Jardim Morumbi II, loteamento mais recente feito no mesmo modelo dos bairros Jardim São Gabriel e Jardim Morumbi I, é adquirido por uma entrada de R\$ 200,00 mais 60 parcelas de R\$ 179,00, ou 99 parcelas de R\$ 129,00.

¹⁵ Usarei o termo *morador recente*, para designar os habitantes dos bairros Jardim São Gabriel e Jardim Morumbi I, que mudaram para a cidade após a segunda metade da década de 1990.

*esse bairro é bom, pro cê ter uma idéia aqui não tem um ladrão, o cara que assalta a mão armada não tem, que eu conheço aqui gato e cachorro, tem alguns coisinha que fuma uns baseadinho, mas é só isso, não chega e tanto, e sei lá eu gosto disso aqui, tanto é que eu não pretendo sair daqui mais nunca, só direto pro cemitério...to fazendo meu cacoco aí no fundo e é pra ficar por aqui.*¹⁶

A narrativa tenta mostrar que o bairro Jardim Morumbi I não é perigoso, ao contrário da *propaganda feia* que fazem dele. Por *propaganda feia* podemos entender as visões de alguns setores da cidade que não aceitam a presença do migrante, culpando-os pelos problemas do dia-a-dia. Dessa maneira, os moradores recentes da cidade convivem com esse olhar de alguns setores da sociedade, sentindo que, muitas vezes, incomodam. A necessidade de se justificar foi uma resposta não à minha pergunta, mas às afirmações de determinadas vozes da cidade.

Percebemos que a cidade é um palco de constantes conflitos e as disputas pelo direito aos mais diversos lugares aparecem nas falas dos depoentes. É comum, nas conversas cotidianas na cidade, aparecerem opiniões que culpem os migrantes por diversos problemas. No depoimento da senhora Carmem, moradora da cidade há 45 anos, surge uma dessas opiniões:

*Porque a gente vê muita gente pobre, muita gente passando dificuldade, vê muita gente de fora nos bairros que abriram, por exemplo: Mutirão, Vila Marquió, São Jorge, Cidade Nova, são gente de fora, não são gente daqui, então o povo de fora que acharam um loteamento barato, então vieram todo mundo, mas só que são gente muito mais pobre dos que já tinham aqui, vem muito marginal, então eu acho que a cidade cresceu, cresceu sim, mas piorou.*¹⁷

A narrativa sugere que o problema da cidade é a pobreza do migrante, que arruma meios ilícitos para ganhar a vida. Esse tipo de pensamento trata os moradores recentes da cidade como empecilho para a harmonia do cotidiano. Esses são vistos como o

¹⁶ Edmilson da Silva Costa, 38 anos, morador do Jardim Morumbi I há 5 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

¹⁷ Carmem Silva Rimoldi Lamonato, 67 anos, moradora de Jardimópolis (Bom Jesus) há 45 anos, entrevista realizada dia 23/12/2004.

problema que chegou para atrapalhar a vida tranqüila que existia até aquele momento, sendo criminalizados *a priori*.

A proliferação dessa aversão ao migrante traz sérios transtornos para a vida dessas pessoas, que têm dificuldades de se adaptar ao local. O simples fato de morar num desses bairros recém loteados já é visto com ressalvas por alguns moradores da cidade. Isso faz com que haja certa separação entre moradores recentes e antigos moradores do centro. Raros são os contatos entre esses moradores:

da cidade antiga eu não tenho contato não, ai ficam meio difícil né, o pessoal lá eles são meio, o pessoal de Jardinópolis que nasceu e se criou e são lá do centro, eles são como é que eu vou te dizer, eles discriminam alguém que tá, é você sente, se você chega lá no centro às vezes o cara pergunta pra você 'você é de onde', 'ah eu mora lá no Morumbi', cê já sente que o cara, cê já vê na expressão do cara que ele, ele acha, a maioria lá pro centro ele acha que quem mora no bairro aqui que mora pra esses lados de cá, são tudo bandido, a maioria pensa assim, não vou dizer tudo, mas a maioria pensa.¹⁸

A desconfiança por parte de alguns moradores da cidade em relação aos moradores dos bairros Jardim São Gabriel e Jardim Morumbi I é comum, fato que gera transtornos para a vida dessas pessoas, que, além de sentirem-se discriminadas, têm dificuldades nas atividades cotidianas.

Dessa maneira, a relação dos moradores fica restrita. Perguntado sobre os contatos que possuía na cidade, Edmilson responde:

É com pessoal do bairro né, e lá no centro eu tenho poucos contatos, quase não tenho né, não tenho porque você vem de fora você não tem, é difícil fazer amizade, e o pessoal daqui são preconceituosos, pessoal do centro são. Você pode perguntar isso, pode fazer essa pesquisa aqui acho que 90% vão te falar isso.¹⁹

¹⁸ Edmilson da Silva Costa, 38 anos, morador do Jardim Morumbi I há 5 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

¹⁹ Edmilson da Silva Costa, 38 anos, morador do Jardim Morumbi I há 5 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

A distância entre os bairros periféricos analisados e o centro é muito mais do que física, tomando proporções que se evidenciam nas relações sociais. A dificuldade em se inserir em outros setores da cidade restringe o espaço do migrante ao bairro em que mora. Geralmente, são poucos os momentos que eles freqüentam o centro da cidade. Apesar de alguns freqüentarem a missa na igreja central aos fins de semana e os carrinhos de lanche como diversão para a noite, o que prevalece são outros tipos de relações no centro da cidade:

Vou (centro) só quando tenho que pagar uma luz, uma água, só quando tenho negócio, agora pra ir pra andar passear não, só quando tenho negócio, a cada quatro cinco vezes por mês que eu subo lá.²⁰

A relação com os moradores do centro da cidade é impessoal, prevalecendo formas de contato estritamente comerciais, uma vez que as relações de amizade ficam prejudicadas pelas resistências observadas. No entanto, não são somente esses motivos que fazem diminuir a relação com os moradores mais antigos da cidade.

No depoimento de Ana Maria, moradora do Jardim Morumbi I, que mudou de Ribeirão Preto para Jardinópolis em 2000, junto com o marido, que adquiriu a casa em um negócio feito com o cunhado, percebemos um elemento importante, quando perguntada sobre sua relação com o centro da cidade:

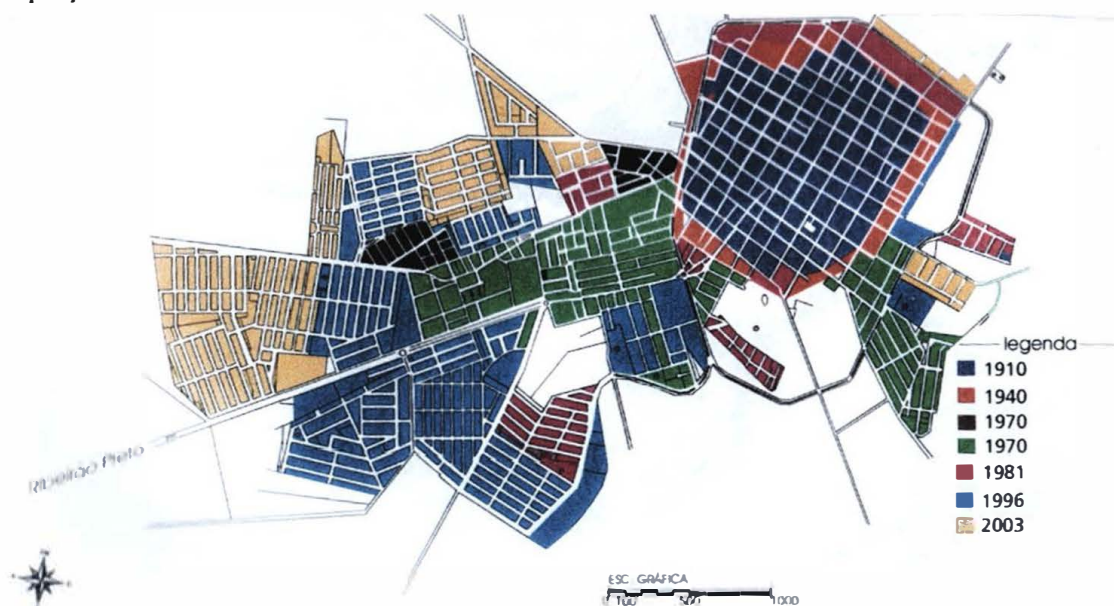
Não porque eu quase não vou pra lá (centro), de primeiro eu trabalhava em Ribeirão né, aí quando eu mudei pra cá eu trabalhava em Ribeirão aí daqui eu pegava o ônibus e ia embora pra lá, voltava só a noite, agora que eu to indo, de vez em quando eu vou no banco, que a firma abriu conta no banco, então a gente vai sempre pra lá, mas é difícil eu ir, mas eu fico só daqui eu vou pra Ribeirão, é difícil.²¹

²⁰ Osmar Aparecido Peressin, 51 anos, morador do Jardim São Gabriel há 5 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

²¹ Ana Maria, 49 anos, moradora do jardim Morumbi I há 5 anos, entrevista realizada dia 08/01/2005.

As relações de Ana Maria são muito mais intensas em Ribeirão Preto, fazendo em Jardinópolis somente os serviços de banco, isso porque a firma abriu a conta para que ela recebesse.

A relação de Jardinópolis com Ribeirão Preto é de grande dependência, devido à proximidade das duas cidades, aproximadamente 20 quilômetros. A presença de moradores de Jardinópolis usufruindo dos serviços da cidade vizinha é comum, variando desde a utilização dos serviços de saúde até a busca de melhores produtos e preços no comércio vizinho.



Mapa topográfico de Jardinópolis

Observando o mapa topográfico²² de evolução da malha urbana da cidade percebemos a relação de dependência de Ribeirão Preto. O centro, núcleo inicial da cidade, é a área azul escura, localizada na região nordeste do mapa. Desde a década de 1970, a cidade desenvolve-se para a região sudoeste, intensificando esse trajeto na década de 1990. O crescimento para a região sudoeste indica que a cidade desenvolve-se em direção a Ribeirão Preto, fato que evidencia a relação de dependência.

A relação dos moradores de Jardinópolis com a cidade vizinha acentua-se ainda mais no caso dos bairros Jardim São Gabriel e Jardim Morumbi I. Primeiro por grande parte da população ter vindo de Ribeirão Preto, mantendo grande rede de sociabilidade,

²² FILHO, Paulo Beleti. **Diretrizes Físico Territoriais de Jardinópolis**. Monografia de Graduação do Curso de Arquitetura de Urbanismo. Ribeirão Preto, Centro Universitário Barão de Mauá, 2003, p. 26.

deixando parentes e amigos naquela cidade. Depois, pelo fato dos bairros se localizarem a beira da pista que liga as duas cidades, sendo praticamente a mesma dificuldade de locomoção para Ribeirão ou para o centro de Jardinópolis, já que o transporte público local é precário.

Segundo o pedreiro Seu Manuel, marido de Ana Maria, que prestou depoimento na rua de casa, junto com o pedreiro senhor Valdir, falando sobre o convívio:

*Tudo em Ribeirão, pra cá pra Jardinópolis eu vou falar pra cá porque eu nem conheço, eu conheço mais ali o miolinho do centrinho ali, o resto eu não conheço, porque o nosso movimento é tudo pra Ribeirão.*²³

A relação do Seu Manuel é tão intensa com Ribeirão Preto, que ele pouco conhece a parte física da cidade Jardinópolis *conheço mais ali o miolinho do centrinho ali*, fazendo todo o *movimento* na cidade vizinha. O *movimento* implica as diversas relações comerciais, pessoais e de trabalho. Jardinópolis oferece poucas oportunidades de emprego para os moradores, que necessitam buscar alternativas de trabalho na cidade de Ribeirão Preto:

*Serviço cê não tem um serviço aqui, aqui cê não arruma um serviço, tudo depende de Ribeirão, quer dizer é uma cidade dormitório, cê vem dormir aqui pra trabaia em Ribeirão né.*²⁴

A idéia de uma *cidade dormitório* é bastante esclarecedora para pensarmos a relação Jardinópolis/Ribeirão Preto. Sugere a utilização dos novos bairros somente como local de descanso das atividades diárias cotidianas: trabalho, compras, pagamento de contas, visita a parentes e amigos realizadas em Ribeirão Preto. A idéia de uma *cidade dormitório* não abarca a complexidade das relações e vivências dos diversos moradores recentes de Jardinópolis, mas ajuda a compreender parte da realidade de muitas pessoas. Durante a entrevista, pude perceber que no horário comercial as ruas e

²³ Manuel André dos Santos, 55 anos, morador do jardim Morumbi I há 4 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

²⁴ Manuel André dos Santos, 55 anos, morador do jardim Morumbi I há 4 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

casas ficavam, na maioria, vazias, não havendo a possibilidade da coleta das fontes. Para encontrar os moradores, foi necessário realizar as entrevistas após às 18:00 horas ou nos fins de semana.

O trabalho de Paulo Beleti Filho, ao discutir a questão da evolução da malha urbana de Jardinópolis, corrobora com a idéia de uma *cidade dormitório*:

*Nesta última década podemos observar que a cidade cresceu somente no sentido de Ribeirão, caracterizando-se como cidade dormitório, através dos indicadores sociais, econômicos e culturais, por haver fácil acessibilidade e múltiplas escolhas de equipamentos, serviços, empregos etc...*²⁵

No depoimento de Seu Valdir, a relação de dependência de Jardinópolis e outras cidades da região para com Ribeirão Preto é abordada, tornando, segundo seu ponto de vista, um dos motivos dos poucos serviços oferecidos por Jardinópolis:

Agora aqui é que nem mora na fazenda, cê precisa das coisas cê precisa correr pra Ribeirão, Ribeirão é a capital do interior, 80 cidades envolta, todas essas cidades vem pra Ribeirão, não é só Jardinópolis, todas essas cidades, chega no hospital das clínicas você conta 40, 50 ambulâncias, cada uma de uma cidade diferente...

*...é a população que faz a cidade progredir, o dinheiro que a gente gasta lá fora, a gente gastando aqui os imposto fica aqui né, o imposto fica aqui e imposto que fica aqui vai movimenta a cidade, vai melhora a cidade né, ai a gente sai daqui, vou pra Ribeirão compra meu remédio lá, compro minha roupa lá, meu calçado, pro meus filhos né, preciso de um móveis vou buscar lá, tudo a gente traz de lá, o que a gente compra, até o próprio mercado que tem lá aqui é mais cara a mercadoria.*²⁶

Seu Valdir busca todos os serviços em Ribeirão Preto, seja pelo preço mais barato ou pelas variedades e opções. A relação de dependência, intensificada nas últimas

²⁵ FILHO, Paulo Beleti. **Diretrizes Físico Territoriais de Jardinópolis**. Monografia de Graduação do Curso de Arquitetura de Urbanismo. Ribeirão Preto, Centro Universitário Barão de Mauá, 2003, p. 26.

²⁶ Valdir Guedes Cavalcanti, 60 anos, morador do Jardim Morumbi I há 2 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

décadas, gera uma situação ambígua para Jardinópolis. Se por um lado os moradores podem usufruir dos serviços e ofertas da cidade vizinha, por outro não há o desenvolvimento intenso de atividades locais, principalmente em relação ao comércio, uma vez que não consegue concorrer com os preços e qualidades dos serviços das atividades de Ribeirão Preto.

Um ponto bastante interessante da fala de Seu Valdir é a comparação de Jardinópolis com uma *fazenda*. Para ele, a referência de cidade é Ribeirão Preto, ou seja, muito diferente daquilo que encontrou em Jardinópolis. Apesar de buscar em Jardinópolis a tranquilidade da cidade pequena, ele não conseguiu se acostumar com o ritmo da cidade:

É o jeito voltar pro barulho lá, aqui é sossegado pra gente morar, pra dormir que nem ele falou, aqui é um dormitório, mas não tem as coisas que a gente, podia ficar aqui mesmo né...²⁷

As diferentes expectativas e anseios aparecem nas falas dos diversos sujeitos entrevistados. Apesar de morarem na mesma cidade e compartilharem momentos de vida em comum, os referenciais são diferentes, dependendo do caminho traçado por cada um e das experiências de vida particular.²⁸

Enquanto algumas vozes julgam que a cidade está violenta, pois tem como referência um modelo de cidade pequena/interiorana, outras, pelo contrário, apontam que a cidade é calma, é o caso do Seu Osmar, que diz que a cidade é tranquila:

Em criminalidade, a vizinhança a gente se conhece mais, é mais unido né, Ribeirão é uma cidade que lá a gente já não tem uma união igual tem numa cidade pequena. Então eu preferi vir pra cá mais por isso também, porque aqui todo mundo conhece todo mundo. Fica mais fácil para conviver né.²⁹

²⁷ Valdir Guedes Cavalcanti, 60 anos, morador do Jardim Morumbi I há 2 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

²⁸ ALMEIDA, Paulo Roberto. Encantos e Desencantos da Cidade. In: **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho Dagua, 2004, p. 145/146.

²⁹ Osmar Aparecido Peressin, 51 anos, morador do Jardim São Gabriel há 5 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

A referência de cidade para o Seu Osmar é Ribeirão Preto, por isso, no depoimento, Jardinópolis aparece como uma cidade tranqüila, pois, para ele, o fato de ter bom relacionamento com os vizinhos, conhecendo-os bem, passa uma segurança maior. Em Ribeirão Preto, o relacionamento com os vizinhos é mais difícil de acontecer, pois as pessoas vivem mais acudadas, com medo da violência.

Já para o policial civil Chaves, que prestou depoimento na sua casa, depois de saber da pesquisa através de uma conversa que tive com ele na delegacia, quando procurava coletar alguns dados para compreender melhor as relações sociais da cidade, a questão inverte-se, pois entende, ao contrário de Seu Osmar, que a cidade é violenta:

hoje eu posso te falar com convicção, com segurança e com toda garantia que o pai de família que mora numa cidade do porte de Jardinópolis ou um pouco menor ou um pouco maior ele tá tão inseguro tanto quanto o que mora em Ribeirão Preto, Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro, não tem mais diferenciação 'não vou pro Rio o Rio é perigoso', ou 'São Paulo mata 100 mil', as estatísticas tão aí pra provar que é mais ou menos tudo mesma coisa³⁰

Chaves nasceu na pequena cidade de Morro Agudo, sendo transferido para Ribeirão Preto, local que morou por 2 anos, quando se mudou para Jardinópolis, no final da década de 1970, fugindo da violência. As referências do policial são de uma cidade pequena, por isso entende que Jardinópolis é uma cidade muito violenta, comparando-a a metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro.

O policial fala como pai, temendo um futuro sombrio para os filhos. A narrativa expressa uma experiência social, seja por vivenciar a cada dia, na profissão, o aumento da criminalidade na cidade, seja por ter uma visão bastante influenciada pela mídia sensacionalista, que aposta em abordagens superficiais e tendenciosas para conquistar um grande número de espectadores.

Em relação a influência da mídia nas narrativas, Yara Aun Khoury comenta:

Refletindo sobre a história no presente, vamos observando como fronteiras tornaram-se ainda mais instáveis e porosas, pela expansão de circuitos cada vez mais integrados na vida social, nos

³⁰ Luiz Roberto Chaves, 51 anos, morador de Jardinópolis há 27 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

*quais...as instituições de comunicação exercem um papel de destaque, ao produzirem enunciados que participam ativamente da construção de sentidos que se generalizam rapidamente, como parte da cultura pública. Mas, longe de desaparecerem, elas se movem e se transformam, assumindo novos significados nas relações sociais vividas.*³¹

A influência da mídia faz parte ativa da formação da visão de mundo dos sujeitos entrevistados, isso, porém, não inviabiliza ou torna menos significativos os depoimentos. Os sujeitos não são receptores passivos dos conteúdos midiáticos, reelaborando e reapropriando os significados conforme as experiências pessoais do presente. Assim, quando Chaves narra, independente de influenciado ou não pela mídia, relata parte das vivências, dos anseios, traz seu olhar de morador de uma cidade que transformado-se.

São justamente as visões das transformações da cidade que explicitam as diferentes perspectivas dos moradores sobre assuntos parecidos. Conforme visto, o crescimento da população não é bem recebido por determinados setores da sociedade:

*E se vê que a cidade cresceu bastante né, que cê vê agora é todo povoado, só que antigamente não tinha tanta miséria, tanto andarilho como tem hoje; e a cidade a gente diz hoje tá melhor, hoje tá melhor porque tem muito comércio, tem muita assim né facilidade de você sair e trabalhar em outros lugares, porque aqui não tem tantas empresas pra que empregue todo mundo né, o povo sai muito pra fora, mas em compensação hoje a cidade de Jardinópolis tem bastante miséria.*³²

Para a senhora Carmem, a *miséria* é vista como consequência imediata do crescimento populacional, não compensando os benefícios conquistados com o crescimento do comércio. Sobre o mesmo assunto, Seu Valdir possui uma visão completamente diferente:

o nosso administrador é o que administra a população é o prefeito né, ele é que manipula tudo né, que ajuda na no crescimento da

³¹ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho Dagua, 2004, p. 127.

³² Carmem Silva Rimoldi Lamonato, 67 anos, moradora de Jardinópolis (Bom Jesus) há 45 anos, entrevista realizada dia 23/12/2004.

*cidade no desenvolvimento né, e chama atenção aí a população vai trazendo os amigo, vai aumentando, vai aumentando a cidade evoluindo a cidade né, agora desse jeito que a gente tá vendo, eu moro a pouco tempo mas pelo que eu vejo a população tá indo é embora de, já tá diminuindo, se continuar desse jeito daqui uns tempo vai diminuir, em vez de progredir tá regredindo.*³³

Para o senhor Valdir, o aumento da população é benéfico, *vai aumentando a cidade evoluindo a cidade*. A evolução da cidade consiste, para senhor Valdir, no aumento de arrecadação de impostos e aumento dos serviços prestados, ao contrário da senhora Carmem, que enxerga o crescimento populacional com receio.

Senhor Valdir reelabora o discurso utilizado por setores da camada dominante da sociedade local³⁴, no caso representantes públicos e iniciativa privada ligados à construção dos loteamentos, para legitimar a presença na cidade, exigindo, desta maneira, tratamento semelhante aos moradores dos bairros mais nobres:

*Fato comum, até o protesto pode vir a ser legitimado nos termos do sistema dominante apropriando-se de sua retórica e chegando a conferir-lhe um novo propósito.*³⁵

Valdir ainda narra uma suposta tendência da cidade, a diminuição do número de moradores, que estão indo embora de Jardinópolis por não se sentirem satisfeitos com as condições encontradas nos bairros loteados da cidade. O próprio Valdir reclama das condições de vida na cidade, principalmente do atendimento ineficiente do hospital, que além de lento, não possui atendimento ao tratamento que faz, tendo que tratar-se no Hospital das Clínicas, em Ribeirão Preto:

*aqui a gente faz uma consulta hoje pra ser atendido daqui a 6 meis, 8, 10, até as vezes quase um ano né, então são tudo coisas que vai desanimando a gente, a gente vai querendo voltar, querendo ir embora.*³⁶

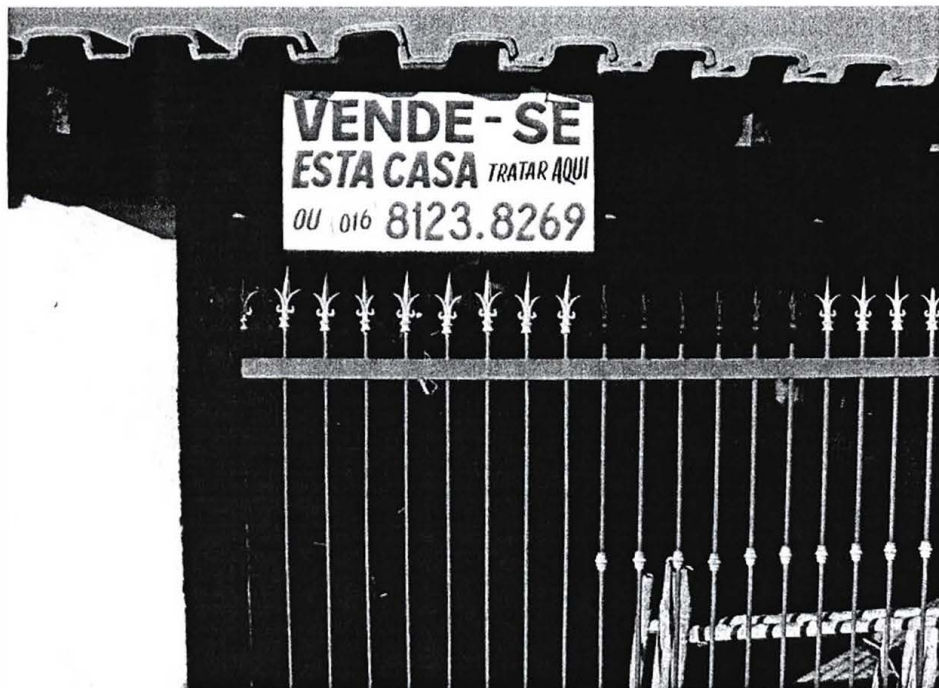
³³ Valdir Guedes Cavalcanti, 60 anos, morador do Jardim Morumbi I há 2 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

³⁴ No ano 2000 trabalhei no censo demográfico na função de Agente Censitário Municipal da cidade de Jardinópolis. Quando finalizamos o trabalho, realizamos uma reunião com o Prefeito, para apresentar os resultados finais. Diante do resultado, que apontou o número de 31.000 habitantes, o Prefeito disse não concordar com os números, alegando que a cidade possuía mais de 40.000 habitantes. Segundo seu argumento, esse “erro” implicava na diminuição das verbas repassadas para a cidade.

³⁵ THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. p. 261.

³⁶ Valdir Guedes Cavalcanti, 60 anos, morador do Jardim Morumbi I há 2 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005

Além do senhor Valdir, o senhor Manuel também revelou a vontade de mudar da cidade, já colocando sua casa à venda:



F1: Casa do bairro Jardim Morumbi I

A foto acima, da casa de senhor Manuel que está à venda no bairro Jardim Morumbi I, revela o descontentamento de continuar morando no local, *os mais velhos daqui já foram embora, os novos que tem é que já é que comprou os imóveis dos que já foram embora, isso aqui tem sete anos.*³⁷

O ir embora significa a busca de um futuro melhor, que não foi possível devido às condições precárias encontradas nos bairros Jardim Morumbi I e Jardim São Gabriel. O ir embora é também uma maneira de pressionar o poder público através da ameaça, a fim de conquistar melhorias para o bairro, uma vez que os moradores sabem que suas presenças implicam em uma arrecadação maior de impostos.

³⁷ Manuel André dos Santos, 55 anos, morador do jardim Morumbi I há 4 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

A vontade de partir, frustrados com a realidade que encontraram, traz à tona os problemas de infra-estrutura existentes nos bairros, e os consecutivos embates dos moradores com o poder público.

A senhora Ana Maria aponta os principais problemas encontrados no dia-a-dia do local:

Não tem um posto de saúde, não tem uma escola, não tem uma farmácia, não tem nada aqui nesse bairro que nós mora, tudo que você precisar ou você tem que ir em Ribeirão ou cê tem que ir no centro, porque por aqui não tem nada, não tem nada nada nada. Agora pro centro é diferente, pra lá eu não vou muito, mas aqui nesse bairro que nós mora tá bem largado, aqui cê acha só mato, mato, terreno pra vender só, inclusive eu já pus até a casa pra vende.³⁸

Mais uma vez aparece a estreita relação com Ribeirão Preto e a vontade de partir. Os bairros não contam com serviços de saúde, nem serviços de educação, sendo necessário deslocar-se para buscá-los. Outro problema levantado pela senhora Ana Maria é o mato que cresce nos terrenos baldios:



F2: Terreno baldio do bairro Jardim Morumbi I

³⁸ Ana Maria, 49 anos, moradora do jardim Morumbi I há 5 anos, entrevista realizada dia 08/01/2005.

Na foto acima, tirada de um terreno baldio no Bairro Jardim Morumbi I, observamos a grande quantidade de mato. O bairro conta com muitos terrenos onde ainda nada foi construído, dando a sensação de relativo abandono do bairro.

A sujeira e os buracos das ruas são outros grandes problemas apontados pela senhora Rubaldia:

muito lixo na rua, mas também as vezes eu não culpo povo lá de cima, porque isso quem tem que vê também somos nós donos de casa, que sabe o lixeiro do dia os dias que passa, eu acho que tem que ser posto na lixeira sabendo o dia que eles passa certinho, e muito lixo todo lugar que você vai é lixo e buraco é tudo.³⁹

A senhora Rubaldia culpa os próprios moradores pelo excesso de lixo nas ruas, por não terem o hábito de colocar os lixos nos dias que os lixeiros passam. É interessante que, ao referir-se aos responsáveis pelos serviços públicos, ela diz *o povo lá de cima*, revelando a distância que existe entre os moradores dos bairros e os representantes públicos. A fala revela o descontentamento com as políticas públicas locais, já que as condições de vida no bairro são precárias. É comum candidatos fazerem promessas de melhorias, ou se elegeram para cargos públicos, por meio de serviços realizados nos bairros, abandonando o local após as eleições, *o dono do circular ganhou pra vereador e tirou o circular, em vez dele por, ele tirou.⁴⁰*

O senhor Osmar, apesar de achar que o bairro é tranqüilo, reclama do pouco policiamento, além do mato e dos buracos:

Problema aqui é tem vários ai né, polícia é pouco policiamento, passa muito pouco é, muito mato no bairro essas coisas que tem muito que faze né, muito buraco no asfalto tem muita coisa pra se feito, tem várias coisinhas que tem que se feito ainda.⁴¹

³⁹ Rubaldia da Costa Perissin, 50 anos, moradora do Jardim São Gabriel há, entrevista realizada dia 01/04/2005.

⁴⁰ Rubaldia da Costa Perissin, 50 anos, moradora do Jardim São Gabriel há, entrevista realizada dia 01/04/2005.

⁴¹ Osmar Aparecido Peressin, 51 anos, morador do Jardim São Gabriel há 5 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

As várias coisinhas que tem que se feito ainda, revelam a precariedade que foram feitos os loteamentos na cidade de Jardinópolis, priorizando sempre o lucro de seus empresários, em detrimento das condições ideais de dignidade do morador. Os depoimentos sobre a infra-estrutura dos bairros explicitam como a cidade, muitas vezes, é pensada visando os benefícios de uma minoria, que através das relações com representantes públicos, sejam legais ou ilegais, conseguem concessões para levar adiante os empreendimentos.

Nos depoimentos de alguns moradores, percebemos que o sentimento de frustração com a realidade encontrada vem atrelado ao sentimento de indignação contra responsáveis pelos loteamentos – Empresa de Loteamento e Prefeitura Municipal – que liberaram a venda de lotes sem ao menos contar com serviços completos e luz e asfalto, fato que repete-se com a venda dos lotes do bairro Jardim Morumbi II. Segundo seu Manuel:

o loteamento aqui é muito bom, mas o proprietário não vale nada, não dá condição pro cê, táí óia as buraqueira que tá ai, tamo 2 anos aqui no escuro, sem luz. Aqui é tudo escuro aqui, colocaram agora com tanta briga ai, puseram fogo ai na pista ai ó, puseram um monte de fogo na pista queimando pneu, fecharam isso ai, tinha fila de carro até lá na Anhanguera lá e aqui tudo fechado ai, tava brigando pra vê se eles punha luz aqui e o asfalto, não tinha asfalto também né.⁴²

As respostas à falta de infra-estrutura são dadas através de reivindicações que variam desde as reclamações diárias, por meio das conversas com vizinhos, até movimentos mais organizados que contam com o apoio de vários moradores, a fim de pressionar os serviços públicos.

⁴² Manuel André dos Santos, 55 anos, morador do jardim Morumbi I há 4 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

A foto⁴³ abaixo é de um movimento com participação de aproximadamente 300 pessoas, organizado pelos moradores do bairro Jardim Morumbi I, protestando contra a morte de uma comerciante, provocada por um atropelamento, quando descia de uma Van:



F3: Protesto dos moradores do bairro Jardim Morumbi I

Por estar localizado próximo à pista que liga Jardimópolis a Ribeirão Preto, é comum que os moradores do bairro Jardim Morumbi I transitem pelos arredores da pista, o que ocasiona um grande número de acidentes. O fato de não haver nenhuma passarela para ter acesso ao outro lado da pista ou sinalização e pontos de desembarque adequados, provocou a revolta dos moradores.

A tática de pressão aos órgãos responsáveis foi a paralisação do acesso às pistas que ligam a Ribeirão Preto. Além dos moradores fecharem a estrada principal de acesso à cidade vizinha, ateando fogo em pneus, obstruíram também uma estrada de terra paralela à rodovia, provocando um grande engarrafamento.

É importante observarmos que o modelo de pressão aos órgãos públicos é característico dos grandes centros urbanos do país, sendo difícil de imaginar uma manifestação deste tipo na cidade há algum tempo, uma vez que as questões com o

⁴³ MORADORES interditam a estrada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 maio de 2005, Folha Ribeirão, p. C3.

poder público nas cidades pequenas eram geralmente resolvidas através de conversas. São as experiências que os moradores adquiriram nas cidades maiores por onde passaram que são colocadas em prática.

Tais formas de protestos visam chamar a atenção dos representantes públicos para a implementação de políticas voltadas à melhoria de condição da vida dos moradores. Os objetivos são conquistar uma infra-estrutura digna para a dinâmica dos bairros.

Além da escassez dos serviços relatados, a própria busca deles é dificultada pelo péssimo serviço de transporte:

É o ônibus também da escola que às vezes passa um dia outro dia não passa, o circular que eles tiraram não tá passando.

...porque tem muito senhor de idade que tem que subir lá pra cima e às vezes não tem carro, não tem dinheiro pra por uma gasolina no carro do vizinho, então depende que é mais barato, depende do circular e não tem.

É mais os que precisa é os coitados dos aposentados que não tem força pra andar, não é verdade. Eu acho que eles devia colocar, sabe, no trajeto certo, tanto pra vir quanto pra ir. Um dia eles desce ali, outro dia sobe lá, e é sempre assim sabe.⁴⁴

Com a falta de política de transporte público, questões como a educação e saúde ficam comprometidas, uma vez que não há escolas nem postos de saúde próximos e grande parte dos moradores não possui veículos próprios. A alternativa encontrada é caminhar até a pista, buscando o serviço das Vans, que fazem o trajeto Ribeirão Preto/Jardinópolis.

A falta de infra-estrutura generalizada, presente não apenas nos bairros analisados, mas também em muitos outros bairros periféricos, revela uma estrutura de crescimento desigual da cidade, que tende a aumentar ainda mais o fosso entre os mais ricos em relação aos mais pobres. O Estatuto da Cidade, aprovado em 2001, trás algumas reflexões sobre a questão, que aparece na maioria dos municípios brasileiros:

⁴⁴ Rubaldia da Costa Perissin, 50 anos, moradora do Jardim São Gabriel há, entrevista realizada dia 01/04/2005.

*O quadro de contraposição entre uma minoria qualificada e uma maioria com condições urbanísticas precárias é muito mais do que a expressão da desigualdade de renda e das desigualdades sociais: ela é agente de reprodução dessa desigualdade. Em uma cidade dividida entre a poção legal, rica e com infra-estrutura e a ilegal, pobre e precária, a população que está em situação desfavorável acaba tendo muito pouco acesso às oportunidades de trabalho, cultura ou lazer. Simetricamente, as oportunidades de crescimento circulam nos meios daqueles que já vivem melhor, pois a sobreposição das diversas dimensões da exclusão incidindo sobre a mesma população faz com que a permeabilidade entre as duas partes seja cada vez menor.*⁴⁵

A idéia de crescimento da cidade em forma de loteamentos é algo novo para a cidade. O processo de loteamento intensificou-se na cidade de Jardinópolis na década de 1990. Para a concretização, são necessários acordos entre poder público e iniciativa privada. Para um loteamento ser legalizado pelo poder público, é necessário estar em ordem com as exigências dos órgãos nacionais e municipais. Um proprietário de terras próximas às áreas urbanas tem o direito ao loteamento quando for comprovado o interesse público na obra, se responsabilizando pelos serviços de infra-estrutura que devem ser fiscalizados pela prefeitura, uma vez que, após o loteamento, a área deixa de ser responsabilidade privada para assumir caráter público. O item III do 2º artigo do Estatuto da cidade fala sobre como deve ser o processo de urbanização:

*cooperação entre os governos, a iniciativa privada e os demais setores da sociedade no processo de urbanização, em atendimento ao interesse social*⁴⁶.

A lei não existia quando os bairros foram construídos. O Estatuto da Cidade prevê, atualmente, que até 2006 toda cidade com mais de 20.000 habitantes deve possuir um Plano Diretor de ocupação urbana, no qual aparecerão as estratégias de crescimento. No entanto, na década de 1990, algumas exigências já eram necessárias para a liberação do loteamento, como o interesse social da obra. O argumento utilizado pela iniciativa

⁴⁵ Estatuto da Cidade: Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, que estabelece diretrizes gerais da política urbana. Brasília: Câmara dos deputados, Coordenação de Publicações, 2001, p. 23.

⁴⁶ Estatuto da Cidade: Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, que estabelece diretrizes gerais da política urbana. Brasília: Câmara dos deputados, Coordenação de Publicações, 2001, p. 33.

privada, aceito pelo poder público, foi o baixo preço dos lotes, que contribuiria para que o trabalhador pobre conseguisse construir a casa própria. Nesse sentido, o loteamento se tornava uma política social, desviando seu verdadeiro foco, o lucro dos responsáveis pelo loteamento, um negócio que gera milhões de reais em torno de um único bairro loteado.



I'4: ●outdoor no bairro Jardim Morumbi I

A foto acima é de um *outdoor* na entrada do bairro Jardim Morumbi I, loteado pela mesma empresa que oferece os lotes do novo bairro, o Jardim Morumbi II. É interessante observar a contradição entre o anúncio *um ótimo lugar para morar* e as condições que se encontra o bairro loteado anteriormente, cheio de buracos nas ruas e terrenos baldios:

*e agora tá enganando o povo de novo porque ele abriu outro ai pra cima, tá falando que tem, tá pronto pra construir e não tem água, não tem esgoto, não tem nada ainda, tá vendendo e tá enganando o povo do mesmo jeito.*⁴⁷

⁴⁷ Manuel André dos Santos, 55 anos, morador do jardim Morumbi I há 4 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

O conluio entre iniciativa privada e setores do poder público lesa a população pobre que adquire os lotes, que não encontra nos bairros as condições prometidas pelas propagandas. Como vimos, muitos dos serviços de infra-estrutura dos bairros, como a iluminação elétrica e o asfalto, foram conquistados após intensa mobilização dos moradores, que, ainda hoje, lutam por melhorias.

Dessa maneira, o poder público contribui para o aumento da desigualdade social e de oportunidades. Setores da iniciativa privada, preocupados somente em aumentar os lucros, não cumprem com as exigências mínimas de infra-estrutura. Quando alguma instância do poder público resolve agir, não consegue cobra-los, uma vez que muitos dos acordos foram tratados de forma suspeitas, visando burlar a lei vigente do período. Se as instâncias alegam que há irregularidades nos loteamentos, a iniciativa privada alega que a obra foi legalizada pelo mesmo poder público em outro momento. Assim, ações públicas são propostas, mas enquanto são discutidas, pessoas vivem a consequência dessas políticas, articulando-se para, de modos peculiares, reverterem o quadro desfavorável.

Com as questões discutidas neste capítulo, procurei problematizar o cotidiano dos moradores recentes de Jardinópolis e alguns dos problemas enfrentados com o descaso das políticas públicas, analisando as especificidades em relação ao restante da população local.

CAPÍTULO II

UM TEMPO PERDIDO:

EXPERIÊNCIA DOS ANTIGOS MORADORES

*A cidade tem mais rosas nos quintais do que frutos nos pomares;
nas paredes e nos muros, pintassilgos, sábias e curios.
(Ademar Cardoso de Souza, Jardinovelissimas, 1991)*

Neste capítulo a discussão será centrada na análise dos depoimentos de moradores antigos da cidade de Jardinópolis. O critério de escolha dos moradores foi pensando em compreender como pessoas que habitam a cidade desde quando esta se restringia ao que é hoje a área central, têm analisado o aumento físico territorial e, principalmente, populacional da cidade.

As transformações ocorridas na década de 1990 alteraram significativamente as relações travadas no interior da cidade, modificando a dinâmica e os modos de viver da população local.

As rápidas transformações aparecem nas falas dos antigos moradores da cidade, interpretadas, na maioria das vezes, de maneira pouco otimista, deixando a impressão que um passado aparentemente próximo se perdeu, cedendo lugar a outras formas de socialização, diferentes daquelas travadas anteriormente.

O passado é relembrado pelos moradores com intensa satisfação e saudosismo, como um tempo em que as relações travadas na cidade eram mais “sadias”, comparadas com o tempo atual:

*Naquela época era mais sadia né, porque você era uma família
Jardinópolis, era muito pequenininho então todo mundo conhecia
todo mundo e todo mundo gostava de todo mundo.*⁴⁸

⁴⁸ Senhor Ilson Fernandes de Oliveira, 65 anos, nasceu em Jardinópolis, atualmente reside no bairro Vila Oliveira, entrevista realizada dia 28/12/2004.

Percebemos que ao evocar o passado, senhor Ilson faz menção à infância e às amizades e relações que mantinha na cidade. O que é chamado de *sadia* são as formas de relações, típicas de cidades pequenas, nas quais *todo mundo conhecia todo mundo e todo mundo gostava de todo mundo*.

Ao que tudo indica, são justamente as formas de relações que se alteraram com o aumento da população de Jardinópolis. Já não é possível conhecer *todo mundo*, sendo, portanto, mais restritos os círculos de sociabilidade da cidade.

A própria idéia de uma *família Jardinópolis* é significativa para pensarmos as formas de relações na cidade que transformam-se. O termo *família* sugere um passado harmônico interrompido pela atual dinâmica da cidade, que como vimos, incorpora outros sujeitos sociais com anseios e perspectivas diversificadas, aparentemente fazendo da cidade um local muito mais complexo do que aquele que aparece nos depoimentos dos antigos moradores.

O ritmo de vida harmônico do passado também é sugerido pelo policial civil Chaves, que se mudou para Jardinópolis no final da década de 1970:

...então eu procurei Jardinópolis que ainda era de acordo também com os padrões da época uma cidade calma, muito calma, preservando todo aqueles aquela tradição de cidade interiorana, que o pessoal reunia nas praças, após a missa ali as crianças brincando, as famílias reunida, as quermesse, aquelas coisa própria que acontecia de cidade pequena, tanto é que na época que eu assumi aqui em Jardinópolis a gente contava com 17, é com 7 presos, isso eu me lembro como se fosse hoje, se for levantar os arquivos que realmente é uma realidade, então desses 7 presos eu recorde perfeitamente era 6 detidos já ou em flagrante, precisava ver os arquivos, ou cumprindo pena, mas tudo com artigo 155, nós tínhamos 1 homicídio, não me recorde se ele matou a mulher, a namorada, ou o cunhado é uma coisa mais familiar assim, indício da época, hoje nós temos aí média vamos supor 50 presos, já tiveram agora a questão de uns 2 meses atrás com 6, é difícil você achar um furto qualificado, um furto no meio, é tudo homicídio, latrocínio, é 12 que seria na linguagem policial o tráfico né, então você vê como o crime evoluiu né.⁴⁹

⁴⁹ Luiz Roberto Chaves, 51 anos, morador de Jardinópolis há 27 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

Para o policial o passado e o presente se apresentam como dicotômicos, de um lado uma vida calma, típica de *cidade interiorana*, de outro uma vida agitada, marcada pela violência, comum nos noticiários cotidianos dos grandes centros do país. Segundo Chaves, o número de presos aponta para uma realidade que se opõe àquela tranquilidade típica de tempos atrás. Pelos dados da própria delegacia Seccional de Ribeirão Preto, percebemos o crescimento do número de ocorrências em cidades da região de Ribeirão Preto:

NÚMERO DE OCORRÊNCIAS REGISTRADAS			
ANO	JARDINÓPOLIS	CRAVINHOS	SERRANA
1999	1935	1852	1923
2000	2972	2006	1762
2001	2828	2333	2254
2002	2193	3121	2772
2003	3557	2236	3306
2004	3497	2254	3733

Tabela de número de ocorrências em cidades da região

Pela tabela⁵⁰, verificamos que Jardinópolis, Cravinhos e Serrana, cidades de porte parecido, tiveram grande aumento do número de ocorrências, fato que evidencia os conflitos sociais da região, provocados, principalmente, pela grande concentração de renda.

O importante é pensarmos, neste momento, como as pessoas das cidades pequenas, no caso Jardinópolis, interpretam o aumento de ocorrências, que implica em alterações no cotidiano.

Por lidar com um presente cheio de “conflitos”, a elaboração do passado pelos moradores mais antigos, além de fazer menção a uma relativa harmonia, traz à tona um sentimento de nostalgia, por lidar com um tempo, que, nas construções dos depoentes, aparentemente nunca mais voltará.

⁵⁰ Dados da delegacia Seccional de Ribeirão Preto.

A diferença entre o que passou e o agora é tão evidente nas falas dos moradores, que para o senhor Ilson assume proporções bíblicas

Pra você ter uma idéia eu sai do céu e entrei no inferno, é o que eu vejo, você sabe porque, porque eu morava no quarteirão da praça matriz aí, de Jardinópolis, e a janela do meu quarto era na rua assim ó, e eu dormia com ela aberta, então em 1952 minha mãe comprou um radinho pra mim, eu abria a janela, deitava e ficava ouvindo a rádio El Dourado do Paraguai, pegava ela muito bem na época e às vezes dormia, quando eu acordava tinha 4, 5 pessoas ali na janela ouvindo música...hoje você não pode fazer mais isso.⁵¹

O céu e o inferno, lugares que na tradição cristã indicam o reino do bem e do mal, são evocados pelo senhor Ilson para informar sobre as transformações que passou a cidade de Jardinópolis. A mudança é lembrada por um sentimento de nostalgia, *hoje você não pode fazer mais isso*.

A idéia de mudança das relações sociais aparece também nas palavras de dona Rosa, comerciante antiga do centro da cidade que, junto com o marido Welson, também comerciante, cedeu a entrevista:

Ali você conhecia um ao outro, ninguém tinha medo de ninguém, era tudo conhecidos.

Conhece as famílias, conhece os vizinhos, conhece todo mundo, hoje não conhece.

Muitos difícil, você conhece os antigos, que moravam aqui, agora os novatos não.⁵²

Além de sugerir que antigamente os laços de amizade eram mais consistentes, dona Rosa aponta outra questão, o medo em relação aos “desconhecidos”, que é provocado tanto pelo aumento da população, quanto pelo pouco contato com a

⁵¹ Senhor Ilson Fernandes de Oliveira, 65 anos, nasceu em Jardinópolis, atualmente reside no bairro Vila Oliveira, entrevista realizada dia 28/12/2004.

⁵² Rosa Prioli, 68 anos, comerciante, casada com Senhor Welson, atualmente reside no bairro Centro, entrevista realizada dia 01/04/2005.

população mais jovem da cidade. Dona Rosa reclamava, durante a conversa, que conhecia as pessoas mais velhas da cidade, mas não os filhos e netos, *Não conhece, não tem amizade, nem que vocês conhecem eles te chamam de quadrada, já era, então...*⁵³ O que provoca o medo, nesse caso, é a mudança de valores, de códigos, uma vez que são de gerações bastante diferentes. Dona Rosa que tem 68 anos tem receio da população mais jovem da cidade *Não tem confiança porque eles pra te dar uma rasteira te jogar pro chão, já aconteceu, então você não pode ter confiança.*⁵⁴

Uma outra questão que aparece na fala de dona Rosa, ao relembrar um passado que parece distante, é o contato mais direto entre o campo e a cidade. A população da zona rural utilizava, periodicamente, os serviços oferecidos pela cidade:

*A cidade antigamente era diferente, chegava o povo da roça, amarrava os cavalos deles, tinha aqui na avenida, tinha árvore no meio, eles amarravam na árvore e vinham no armazém para fazer despeza, ficava as carroças as carroças e os cavalos tudo amarrados. E aqui não tinha esse buraco aqui no meio, não tinha, era tudo cheio de rosa, roseira.*⁵⁵

Não era só o *povo da roça* que utilizava os serviços da cidade, a população urbana também exercia relações mais estreitas com o campo, principalmente como mão-de-obra para as lavouras. Ainda hoje é muito comum, na região, o trabalho temporário do homem da cidade no campo; mas, ao criticar a criminalidade na cidade, dona Carmem aponta a escassez do trabalho no campo como um dos principais fatores:

*...acabou também aquela plantação que existia na cidade, nas lavouras, ninguém mais planta milho, não tem mais café, não tem mais nem nada, é só cana, então o trabalho é pouco, a pessoa não sai para trabalhar a cabeça fica vazia, então eles vão pensar no que? No que não presta né, eu acho isso sim.*⁵⁶

⁵³ Rosa Prioli, 68 anos, comerciante, casada com Senhor Welson, atualmente reside no bairro Centro, entrevista realizada dia 01/04/2005.

⁵⁴ Rosa Prioli, 68 anos, comerciante, casada com Senhor Welson, atualmente reside no bairro Centro, entrevista realizada dia 01/04/2005.

⁵⁵ Rosa Prioli, 68 anos, comerciante, casada com Senhor Welson, atualmente reside no bairro Centro, entrevista realizada dia 01/04/2005.

⁵⁶ Carmem Silva Rimoldi Lamonato, 67 anos, moradora de Jardinópolis (Bom Jesus) há 45 anos, entrevista realizada dia 23/12/2004.

Grande parte dos depoimentos dos moradores traz uma construção de um passado muito distante do presente, há um fosso entre os dois tempos, as transformações presenciadas nos cotidianos das pessoas são tão intensas que não é possível enxergar nas falas um meio-termo que anuncie o processo de transformação, parece que ela foi tão rápida e profunda que apenas é possível ver o antes e o agora, nunca o durante.

O agora aparece como o tempo dos problemas, no qual o estranhamento em relação às novas práticas sociais prevalece. Sempre é citado para apontar alguma discordância, mesmo quando se elogia o crescimento do comércio, segue-se de uma lamentação que evidencia um problema:

E ce vê que a cidade cresceu bastante né, que ce vê agora é todo povoado, só que antigamente não tinha tanta miséria, tanto andarilho como tem hoje; e a cidade a gente diz hoje tá melhor, hoje tá melhor porque tem muito comércio, tem muita assim né facilidade de você sair e trabalhar em outros lugares, porque aqui não tem tantas empresas pra que empregue todo mundo né, o povo sai muito pra fora, mas em compensação hoje a cidade de Jardinópolis tem bastante miséria⁵⁷.

Já o antes é um tempo inocente, evocado para corrigir um presente, para servir de exemplo. É também um consolo, pois recupera práticas que o hoje não permite mais *saíam ficavam tudo ali, os vizinhos tudo sentavam nas calçada, um conversava com outro. Hoje ninguém senta.*⁵⁸

O livro de Roberto Elias, feito em ocasião do centenário da cidade em 1998, intitulado *Jardinópolis 100 anos: viajando na história*, no qual o autor, morador da cidade, seguindo uma divisão do tempo por ano e elegendo alguns fragmentos, narra as lembranças e acontecimentos que pesquisou nos jornais locais, apresentando no final uma percepção das mudanças dos tempos atuais de maneira interessante:

Chegando aos dias de hoje, a um passo do século XXI, Jardinópolis faz parte da globalização, com todas as transformações e mudanças que sofre o mundo atual. Mas o que é

⁵⁷ Carmem Silva Rimoldi Lamonato, 67 anos, moradora de Jardinópolis (Bom Jesus) há 45 anos, entrevista realizada dia 23/12/2004.

⁵⁸ Rosa Prioli, 68 anos, comerciante, casada com Senhor Welson, atualmente reside no bairro Centro, entrevista realizada dia 01/04/2005.

digno de nota é constatarmos que ainda existe em nossa cidade um recanto que guarda todas as maneiras de viver no início do século. Refiro-me ao lar de Dante e Maria Barberato, que em plena Avenida Visconde do Rio Branco conserva o fogão de lenha sempre aceso, o bule de café quentinho sobre a chapa, o pote de barro ao lado da mesa da cozinha com a caneca de alumínio que retira a água fresca para o visitante.⁵⁹

O autor, que não é historiador, mas que fez uma obra que contribui bastante para outros pesquisadores da cidade, percebendo algumas transformações já naquele momento, traz como contraste das mudanças que narra um modo de vida tradicional preservado numa das residências da cidade. A recuperação de um antigo modo de vida no momento que fala das mudanças é também uma forma de resistência às transformações que são verificadas nas relações da cidade.

A mudança do cotidiano dos moradores, explicitada nas interpretações que fazem da cidade, é resultante, principalmente, das transformações ocorridas na última década. O comerciante Antônio, dono de um estabelecimento desde a década de 1960, sugere, no depoimento, uma alteração no ritmo de vida das pessoas:

eu acho que o povo tinha mais tempo de conversar, naquela época quando tinha assim um feriado, um dia santo todo mundo respeitava né, o feriado nem era tanto, mais era dia santo, quando falava qualquer dia santo que tinha o povo já não trabalhava, e tinha mais tempo pra bater papo, parar nos bares bater papo, tomar uma cerveja e hoje a vida é mais corrida.⁶⁰

Aspecto típico, principalmente, nas cidades menores, o *bater papo* tem desaparecido, alterando significativamente as relações entre os moradores. O tempo antes dedicado a tal atividade tem sido utilizado em outros meios. Dias santos e feriados, outrora utilizados como momento de descanso e lazer, enfim, momentos em que o ritmo de trabalho era substituído por outras atividades, estão cada vez mais escassos.

⁵⁹ ELIAS, Roberto. *Jardinópolis 100 anos: viajando na história*. Jardinópolis: Gráfica Lima Ltda, 1998, p. 80/81.

⁶⁰ Antônio Rodrigues dos Santos, 64 anos, casado, comerciante, nasceu em Jardinópolis, atualmente reside no bairro Centro, entrevista realizada dia 01/04/2005.

O tempo do trabalho, no qual prevalecem as relações comerciais e um ritmo de vida acelerado, adquire maior espaço na cidade, alterando os modos de se viver no meio urbano:

a gente não tem tempo né, como antigamente a gente tinha mais tempo aos domingos não trabalhava, teve uma época que fechava o comércio aos domingos, e hoje tá direto, tá difícil hoje, não tá tendo folga de jeito nenhum embora tenha que trabalhar muito pra ganhar pouco, a gente não tá conseguindo ganhar dinheiro, mesmo trabalhando assim tá difícil.⁶¹

Seu Antônio é um comerciante que sofreu intensamente no trabalho as transformações ocorridas na cidade. Seu estabelecimento que antes era um armazém, o típico *secos e molhados*, hoje adquire uma característica mais identificada com um bar. Mesmo possuindo produtos diversificados, a predominância das vendas é referente a bebidas, doces e salgadinhos. Muitos outros estabelecimentos sofreram transformações parecidas e a causa mais imediata, segundo as interpretações dos comerciantes, é a chegada de um grande supermercado no início da década de 1990:

Ah esse supermercado grande, o Savegnago para nós atrapalhou bem, não tanto pela concorrência de preço sabe, o problema do Savegnago é o prazo que eles dão, 90 dias, é isso aí é complicado, aí não dá pro cê às vezes, não tem possibilidade de fazer isso né, o preço eu acredito eles tem até condições de fazer melhor preço eles tem estoque, tem várias lojas, podem comprar de caminhão fechado, nós não tem como né, a gente mais é quebradinho certo, o dia inteiro tem que servir, o dia inteiro cê tem que tá servindo um ou servindo outro, mas é tudo quebradinho, pra gente trabalha muito e se ganha pouco.⁶²

O supermercado grande conquistou os clientes que antes faziam suas compras mensais nos *secos e molhados*, restando a eles a venda de *quebradinhos*. Muitos estabelecimentos fecharam ou adquiriram outra função. Com o padrão estabelecido pelo supermercado grande, os comerciantes tiveram que se adaptar, trabalhando mais e

⁶¹ Antônio Rodrigues dos Santos, 64 anos, casado, comerciante, nasceu em Jardinópolis, atualmente reside no bairro Centro, entrevista realizada dia 01/04/2005.

⁶² Antônio Rodrigues dos Santos, 64 anos, casado, comerciante, nasceu em Jardinópolis, atualmente reside no bairro Centro, entrevista realizada dia 01/04/2005.

ganhando menos: *onde se viu Sexta-feira Santa trabalha, inclusive o supermercado aqui trabalhou até 6 horas da noite, 6 horas da tarde aí, Savegnago.*⁶³

A chegada do supermercado grande é um marco estabelecido pelos comerciantes para explicar as transformações da cidade. Na realidade, as transformações revelam a inserção na cidade pequena de um modo de vida mais comum às cidades grandes, no qual as relações são mais impessoais, prevalecendo as relações comerciais. Nessas relações, comerciante e cliente assumem cada um, um papel definido, perdendo, muitas vezes, de vista fatores em comum que os unem, como a experiência de viverem num mesmo local.

A idéia de papéis definidos nas relações não acontece na prática como prega o modelo sugerido. Apesar do modo de vida, típico de cidades maiores, chegar à cidade pequena, na prática ela ainda preserva muito daquelas formas de relações pessoais. No entanto, tais relações têm sofrido enormes transformações, que os moradores têm sentido, explicitando-as nos depoimentos.

O senhor Antônio fala que as relações comerciais possuíam um caráter bastante pessoal, de grande confiança, no qual o freguês fazia a despesa no fim de semana e pagava apenas no outro. Atualmente, ele só vende fiado para alguns fregueses mais antigos:

*Hoje tem poucos viu, tem poucos, agora eu tenho vários fregueses velhos meus que compravam de mim daquela época, mesmo assim mudou o sistema de comprar, hoje compra grande mesmo eles fazem no mercado, tem o seu Antônio Fernandes Martins que trabalhou uns tempos atrás trabalhava aí, já comprava aqui, tem o finado, finado, o Cavalari, Antônio Cavalari era vizinho nosso comprava, tem o Quico que é vizinho que compra desde o início, muitos anos já, e muitos outros fregueses, a gente nem lembra agora porque mudou muito né, depois que surgiu essas Cohab's pra lá, mudaram aí, tem uma turma de fregueses que a gente conhece há muito tempo já, muitos anos.*⁶⁴

⁶³ Antônio Rodrigues dos Santos, 64 anos, casado, comerciante, nasceu em Jardinópolis, atualmente reside no bairro Centro, entrevista realizada dia 01/04/2005.

⁶⁴ Antônio Rodrigues dos Santos, 64 anos, casado, comerciante, nasceu em Jardinópolis, atualmente reside no bairro Centro, entrevista realizada dia 01/04/2005.

Com a instalação do supermercado grande, que alterou as relações comerciais na cidade, o pequeno comerciante teve que contar ainda mais com o sistema de venda a prazo, para atrair o cliente, o que provocou a dependência a esse tipo de venda, que se agravou quando muitos clientes não conseguiam pagar as contas. Sem dinheiro para repôr os estoques, os estabelecimentos foram perdendo as características de armazéns, adquirindo as características atuais. Segundo Seu Antônio, o grande motivo de acabar com o fiado foi o aumento dos calotes que recebia:

*Era menos que hoje viu, bem menos, o povo acho que tinha, não sei se é pela situação que tem hoje, porque o salário também não é muito né, mas eu acho que o povo tinha mais, tinha mais problema com conta, se preocupava mais em pagar a gente do que hoje.*⁶⁵

Seu Antônio aponta a queda do poder aquisitivo da população como fator para os calotes. Além disso, quando diz que o povo *tinha mais problema com conta, se preocupava mais em paga*, fala da moral do sujeito na cidade pequena, ou seja, a preocupação em não “sujar” o nome, o que é uma questão que evidencia as relações sociais em transformação, pois quando o sujeito se preocupa em preservar a honra do nome, através das práticas cotidianas, está implícito formas de relações extremamente pessoais, ligadas a determinada lógica de pessoas que compartilham experiências comuns. Esse é um dos pontos em que os moradores mais antigos de Jardinópolis sentem que perderam, pois a cidade adquiriu outras formas de relações.

É pela evocação do passado que muitos dos moradores mais antigos atacam as novas formas de relações travadas na cidade. É através das disputas pelo direito à cidade que os moradores mais antigos reconstroem um passado harmônico, que as transformações do presente vieram, nestas concepções, destruir:

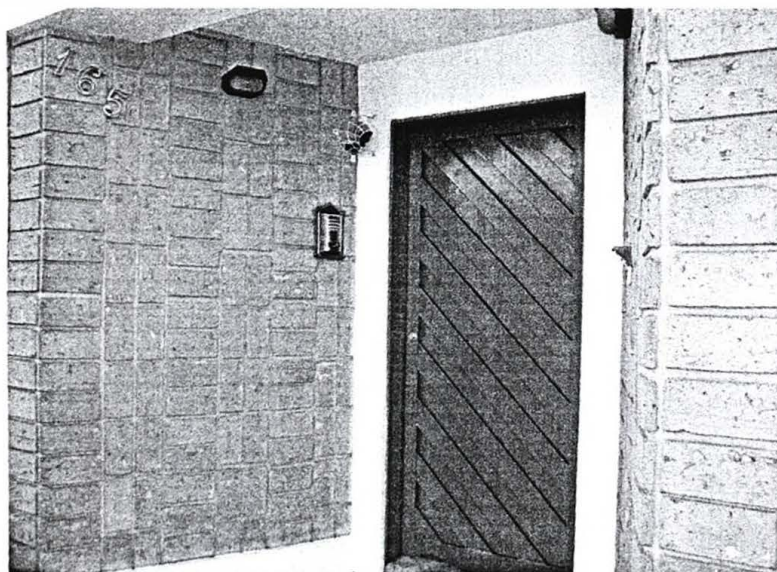
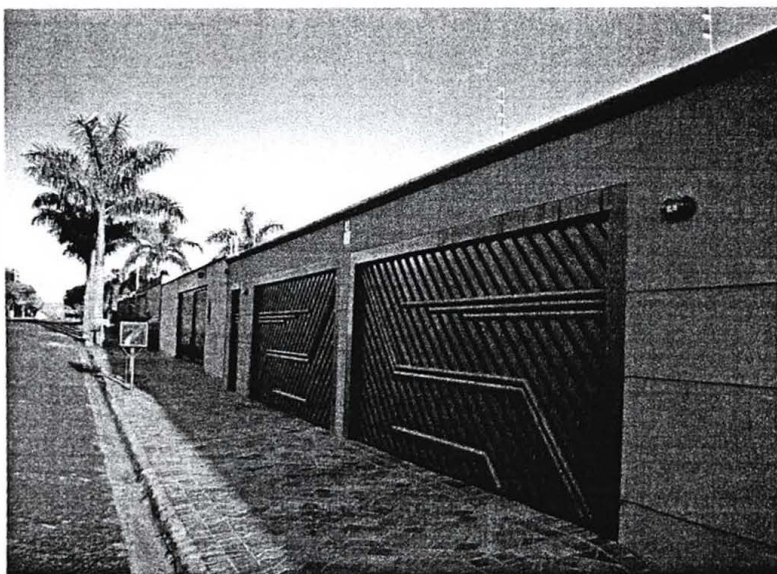
O “passado social formalizado” é claramente mais rígido, uma vez que fixa o padrão para o presente. Tende a ser o tribunal de apelação para disputas e incertezas do presente: a lei é igual ao costume, sabedoria dos mais velhos, em sociedades iletradas; os documentos que consagram esse passado e que, com isso,

⁶⁵ Antônio Rodrigues dos Santos, 64 anos, casado, comerciante, nasceu em Jardinópolis, atualmente reside no bairro Centro, entrevista realizada dia 01/04/2005.

*adquirem certa autoridade espiritual, fazem o mesmo em sociedades letradas ou parcialmente letradas.*⁶⁶

O passado harmônico, no qual as pessoas sentavam na rua sem temer pela segurança, é o contraponto de um presente que tem como um dos principais pontos de pauta a questão da violência. Nas entrevistas, é evidente esta preocupação que, na realidade, é a preocupação pelas transformações que a cidade passa.

Não é apenas no discurso dos moradores que a preocupação aparece, ficando explícita também na própria arquitetura do centro da cidade:



F5 e F6: Região central da cidade.

⁶⁶ HOBSBAWM, Eric. O Sentido do Passado. In: **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 23.

Na primeira foto, vemos casas com muro alto, portão eletrônico e cerca elétrica. Na segunda foto, a entrada da casa contém interfone, câmera e luz forte. Tais alternativas para “fugir” da violência estão presentes na maioria das casas da região central da cidade, dando contornos novos na construção das casas. É interessante pensarmos como a tecnologia é utilizada para a segurança, e como as pessoas se “escondem” da violência, geralmente, não encarando a discussão na sociedade.

A maioria das próprias políticas públicas de segurança tem características paliativas, como a construção de presídios e a compra de equipamentos de segurança, não se propondo a discutir o grande problema da desigualdade social presente no Brasil.⁶⁷

Atrelada a essas medidas de segurança está um discurso de criminalização da pobreza, que aparece em alguns setores da cidade:

o povo que já morava aqui em Jardinópolis, o povo mais antigo, ele não se mistura com esse povo que veio, eles não fazem amizade, eles tem medo porque o povo antigo tem medo da população de hoje...

*Eu acho que eles tem medo, porque vê, até pra você, um fazendeiro ele vai registrar um empregado, onde você mora, eu moro em tal lugar, ele já fica receoso, ele já vai investigar se aquele rapaz ou homem ou mulher que seja, se é bom, se não tem problema algum, se não tem vício nenhum, então eu acho que isso é um medo porque cê não vai por uma pessoa dessa pra trabalhar pra você ou trabalhar dentro da sua casa, então eu acho que eles tem medo. Eu também teria se eu pudesse pagar uma pessoa, ou tivesse uma propriedade, eu também ia fazer a mesma coisa, porque as vezes você tá vendo a cara da pessoa não tá vendo coração, as vezes você tá dando serviço pensando que cê tá ajudando muito uma pessoa e você está sendo traído; então...*⁶⁸

⁶⁷ Não quero dizer que a desigualdade social seja a única fonte da violência no Brasil, apesar da desigualdade ser a violência em si, compreendo que atualmente há outros tipos de violência, como gangues formadas por filhos da classe média ou a violência doméstica. No entanto, uma análise série sobre a questão da violência no Brasil não pode se eximir da discussão central que é a desigualdade social.

⁶⁸ Carmem Silva Rimoldi Lamonato, 67 anos, moradora de Jardinópolis (Bom Jesus) há 45 anos, entrevista realizada dia 23/12/2004.

Tal discurso, que, como já foi discutido, revela uma cidade em disputa, não é exclusivo da cidade de Jardinópolis, podendo ser percebido em outras cidades da região e, mesmo, em outros locais do Brasil.

Esse tipo de pensamento serve de base até mesmo para algumas políticas públicas. O *medo do cidadão de bem*⁶⁹, para usar a expressão de um dos entrevistados, gera algumas políticas preventivas, que constroem a população mais pobre, principalmente os migrantes.

No início de 2005, três cidades da região de Ribeirão Preto: Santa Rosa inicialmente, seguida de Serrana e Pontal, passaram a fichar os trabalhadores rurais, conhecidos como bóias-frias, que migravam do Nordeste e de Minas Geras. O trabalhador foi obrigado a se dirigir às delegacias, para pegar um atestado de antecedentes, registrando alguns documentos, RG e CPF, e o endereço. A maior parte das usinas exigiu os atestados no ato da contratação. Segundo reportagem da Folha de São Paulo:

*O delegado disse não considerar o cadastro e a exigência de documentos um constrangimento aos trabalhadores. "Eles são bem tratados", disse Gonini, que classificou a medida de "preventiva".*⁷⁰

O delegado de Santa Rosa, Adalberto Gonini Júnior, autor da idéia de fichar os migrantes, entende que eles, que vêm para trabalhar, são causadores de problemas na cidade, os criminalizando *a priori*.

Outra medida recente que evidenciou a criminalização da pobreza foi a construção de rampas com piso áspero embaixo de viadutos em São Paulo, que visam expulsar os sem-teto que moram nesses locais. O prefeito da cidade José Serra justificou a obra como tentativa de reduzir os assaltos da região. A obra, que ficou conhecida como

⁶⁹ Luiz Roberto Chaves, 51 anos, morador de Jardinópolis há 27 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005. O próprio termo cidadão de bem, muito utilizado nas propagandas favoráveis e contrárias no referendo sobre desarmamento do Brasil, realizado em outubro de 2005, é bastante esclarecedor sobre a questão da criminalização da pobreza. O que seria o cidadão de bem? Uma rápida análise aponta na realidade para um cidadão de bens, ou seja, mais uma vez a discriminação sobre a pobreza aparece implícita a um conceito aparentemente inofensivo.

⁷⁰ GALLO, Ricardo. Cidades da cana passam a fichar bóias-frias. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31 março de 2005. *Folha* Ribeirão, p. C1.

rampas antimendigo, foi muito criticada por alguns setores da sociedade e apoiada por outros como aponta a entrevista do capitão Reinaldo Eliseu:

*“Vai ajudar. Praticando uma ação preventiva e havendo menos locais onde eles podem se esconder, a quantidade de assaltos deve diminuir”.*⁷¹

É importante notar que as medidas de segurança adotadas por moradores de Jardinópolis se trancando por trás dos muros das casas, a política de fichamento dos trabalhadores nordestinos e as rampas antimendigo assumem o caráter de *ação preventiva*. Essa prevenção é a resposta que alguns setores dão ao que, na realidade, está implícito em todas essas políticas, a desigualdade social, que na região de Ribeirão Preto, assim como no restante do Brasil, assume proporções gigantescas.

E meio as transformações ocorridas na última década na cidade de Jardinópolis e região e às diversas políticas adotadas a esse respeito, uma ação da atual gestão da Prefeitura Municipal de Jardinópolis chama a atenção. No início da década de 1970 foi criada a Festa da Manga, que reunia produtores da fruta, típica na cidade. Jardinópolis ficou conhecida como cidade da manga e os moradores apelidados de boca-amarela, referência ao ato de chupar manga, que deixa a boca amarelada. Era comum encontrar outdoor na Via Anhanguera, no trecho que faz parte do município, com referência da cidade como a Capital da Manga.

No fim da década de 1980 e início de 1990, principalmente com as políticas favoráveis à produção de álcool, intensificou-se a produção da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto, substituindo as mangueiras no caso de Jardinópolis. Com a diminuição da produção da fruta, em meados da década de 1990, a Festa da Manga foi extinta, dando lugar aos rodeios, que passaram a fazer parte do calendário de festas organizadas pela Prefeitura Municipal de Jardinópolis.

Em 2005, a atual administração da cidade, que tomou posse esse ano, reeditou a Festa da Manga, agora realizada junto com o rodeio:

⁷¹ BALAZINA, Afra. Serra recebe críticas por rampa antimendigo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 setembro de 2005. FolhaCotidiano, p. C1.



F7: Cartão de propaganda da Festa da Manga.

Percebemos na propaganda a criação de um mascote (chamado de Manguito) sobre um boi, que simboliza a junção das duas festas. É importante refletir sobre a criação do mascote e o ressurgimento da festa como uma tentativa de, talvez, recuperar alguns traços daquilo que os moradores dizem que se perdeu com as transformações dos últimos anos.

Outro indício claro dessa política é a regravação do hino de Jardinópolis pela mesma administração que, inclusive, assim como a Festa da Manga, é criticado pelo alto custo, considerado desnecessário pela oposição.⁷² Percebemos a disputa de projetos para a cidade, evidenciando, mais uma vez, a variedade de interesses entre os moradores na construção e direcionamento das políticas locais.

Enquanto alguns setores criticam a adoção de tais medidas, outros apóiam, referindo-se à importância do resgate dos símbolos que identificam a cidade:

...penso que o objetivo do atual prefeito Mário Sérgio Saud Reis (PP) foi atingido. E isso, em relação ao resgate de uma antiga tradição que a cidade manteve ao longo de seus idos e por conta

⁷² KOMBI da prefeitura a disposição de Jurucê está em péssimo estado de conservação. **Informativo Tribuna de Jardinópolis, Jardinópolis**, outubro de 2005, Ano 1 – Nº 002, p. 1.

*disso, somos apelidados na região, no estado e em todo país, como “bocas-amarelas”.*⁷³

No artigo, percebemos a importância que é dada a Festa da Manga, compreendida como o *resgate de uma antiga tradição*. Outra abordagem que tem aparecido ultimamente na imprensa escrita da cidade tem sido a exploração de fotografias dos moradores antigos, nas quais aparecem em festas, turmas escolares, times de futebol, reuniões familiares, entre outros, devidamente identificados.⁷⁴ Mais uma vez está presente a idéia de recuperação de referenciais para a cidade.

Em meio a essas disputas políticas, percebemos diversas concepções sobre a cidade e lutas pelo direito de pertencimento ao local. Junto às transformações, os moradores (re) significam as trajetórias, trazendo à tona um espaço repleto de conflitos.

⁷³ SILVA, Renato. Questão de Justiça. *Notícias em Mídia. Jardinópolis*, Jardinópolis, 15 outubro de 2005, p. 2.

⁷⁴ GALERIA. *Notícias em Mídia*, Jardinópolis 19 novembro de 2005, p. 06.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com os depoimentos dos moradores revelou uma grande diversidade de pontos de vistas e posicionamentos sobre a cidade, disputas e resistências que, sem um olhar atento, podem passar despercebidos.

O que foi mais relevante neste trabalho foi a possibilidade de dialogar na pesquisa com as muitas memórias que geralmente não estão representadas nos meios de comunicação locais ou outros espaços de registros de memórias, restritos a um pequeno setor da sociedade de Jardinópolis.

Nesse sentido, outras histórias foram analisadas no trabalho, superando a idéia de a História de Jardinópolis. Anseios, perspectivas, (des) ilusões, conflitos e experiências de uma diversidade de sujeitos aparecem nas páginas da monografia.

Sem a utilização da história oral as diversas outras histórias dificilmente apareceriam no trabalho, impossibilitando a realização, uma vez que este foi pensado a partir do conhecimento da possibilidade do tipo de abordagem utilizado.

Uma questão importante, que permeia todo o trabalho, é a constatação da enorme desigualdade social na cidade e na região. Ao mesmo tempo em que é uma das regiões mais desenvolvidas, com um dos maiores PIB's (Produto Interno Bruto) do país, devido às atividades da agroindústria, apresenta áreas nas quais a população vive em intensa pobreza, não conseguindo suprir as necessidades vitais. Os efeitos das desigualdades são percebidos nas interpretações dos moradores sobre a cidade, evidenciando um local de disputas por direitos, respeito e espaço.

A presença de diversos interesses pela ocupação da cidade, evidencia o acirramento dos conflitos locais, ora traduzidos nas relações entre poder público/população, ora traduzidos nas reclamações individuais, ora traduzidos nas interpretações pessimistas sobre o presente.

O receio das incertezas do presente, muito evidenciado nas falas dos moradores mais antigos da cidade, nada mais é do que as interpretações das mudanças das últimas décadas.

Jardinópolis, assim como outras cidades da região, tem perdido a característica típica de cidade interiorana, passando a conviver com questões que, até então, desconhecia, como grandes problemas de infra-estrutura, pobreza, aumento da violência entre outros.

O descaso do poder público local nos últimos anos é outro tema bastante relatado pelos moradores dos bairros Jardim São Gabriel e Jardim Morumbi I. Imersa numa relação de interesse entre setores do poder público e do poder privado, a venda dos lotes aos moradores apontam para irregularidades que prejudicaram (prejudicam) o dia-a-dia da população.

Reivindicações por asfalto, luz e transporte foram e ainda são freqüentes por esta parte da população, que teve os direitos feridos por administrações corruptas. O alerta de um dos moradores *e agora tá enganando o povo de novo*⁷⁵ indica que os conflitos de tal tipo estão longe de cessar e o respeito pela população mais pobre continua escasso.

Outra dificuldade que os moradores recentes da cidade, residentes nos bairros acima mencionados, encontram é quanto a aceitação por alguns setores da sociedade local, que acabam culpando-os pelas transformações que a cidade passa. Longe de entender esse sentimento de maneira maniqueísta, acredito que ele ocorre por falta de discussão local mais intensa sobre as mudanças não apenas da cidade, mas também da região. O medo da transformação, que altera o cotidiano da cidade, resulta em sentimentos de defesa através do ataque direto ao migrante.

Uma constatação importante durante a pesquisa foi a descoberta de alguns trabalhos que têm estudado Jardinópolis. Pesquisadores de diversas áreas como Urbanismo, História e Geografia têm refletido ou começado a refletir sobre a cidade, podendo trazer contribuições importantes que ajudem a orientar algumas políticas públicas, favorecendo o bem estar da população.

É óbvio que as reflexões devem crescer não apenas no espaço acadêmico, mas também no interior da própria sociedade, que deve, em conjunto, escolher alternativas para a cidade, não ficando a mercê de interesses privados, nem restritos a um ou outro grupo de interesses.

⁷⁵ Manuel André dos Santos, 55 anos, morador do jardim Morumbi I há 4 anos, entrevista realizada dia 01/04/2005.

A reflexão conjunta não acabará com os conflitos na cidade, uma vez que eles são inerentes a qualquer sociedade de capitalismo desenvolvido, mas poderá desbancar alguns interesses fortes que ditam as formas de crescimento da cidade, as políticas a serem adotadas entre outros. Políticas essas que tem contribuído para o aumento da desigualdade social, dificultando a vida de muitas pessoas que necessitam diariamente de atendimento médico, estudo entre outros, tendo que se deslocarem para lugares muito longe, sem, muitas vezes, contar com um transporte público.

Finalmente, tenho que constatar que esse estudo foi muito importante para minha compreensão sobre as transformações que vem ocorrendo em Jardinópolis. Também foi muito importante enquanto meu início na prática de pesquisa histórica. Não tive a intenção de esgotar a discussão sobre assunto, mesmo porque isso seria impossível, mas esboçar a interpretação que tenho no momento sobre o tema pesquisado. Espero que a leitura não tenha sido em vão.

FONTES

DEPOIMENTOS

Dona Carmem

Carmen Silvia Rimoldi Lamonato, entrevista realizada dia 23/12/2004, 67 anos, viúva, trabalha na Casa da Cultura de Jardinópolis, mora na cidade de Jardinópolis desde 1959, atualmente reside no bairro Bom Jesus.

Senhor Ilson

Ilson Fernandes de Oliveira, entrevista realizada dia 28/12/2004, 65 anos, casado, técnico mecânico e ferramenteiro aposentado, nasceu em Jardinópolis, atualmente reside no bairro Vila Oliveira.

Dona Ana Maria

Ana Maria, entrevista realizada dia 08/01/2005, 48 anos, casada com Senhor Manuel, trabalha numa lavanderia no distrito industrial, mora em Jardinópolis desde 2001, atualmente reside no bairro Jardim Morumbi I.

Senhor Welson

Welson Prioli, entrevista realizada dia 01/04/2005, 79 anos, comerciante, casado com Dona Rosa, nasceu em Jardinópolis, atualmente reside no bairro Centro.

Dona Rosa

Rosa Prioli, entrevista realizada dia 01/04/2005, 68 anos, comerciante, casada com Senhor Welson, atualmente reside no bairro Centro.

Senhor Antônio

Antônio Rodrigues dos Santos, entrevista realizada dia 01/04/2005, 64 anos, casado, comerciante, nasceu em Jardinópolis, atualmente reside no bairro Centro.

Senhor Osmar

Osmar Aparecido Perissin, entrevista realizada dia 01/04/2005, 52 anos, comerciante, nasceu em Jardinópolis, mas mudou-se para o Paraná com 8 meses de idade, morou 20 anos em Ribeirão Preto, voltando para Jardinópolis em 2000. Casado com Dona Rubaldia, atualmente reside no Jardim São Gabriel.

Dona Rubaldia

Rubaldia da Costa Perissin, entrevista realizada dia 01/04/2005, 50 anos, dona de casa, casada com Senhor Osmar, mudou-se para Jardinópolis no ano 2000, atualmente reside no Jardim São Gabriel

Seu Edmilson

Edmilson da Silva Costa, entrevista realizada dia 01/04/2005, 38 anos, solteiro, comerciante, nordestino, mudou-se para a cidade de São Paulo na década de 1980, morou 8 anos em Ribeirão Preto, chegou em Jardinópolis no ano 2000. Atualmente reside no bairro

Senhor Manuel

Manoel André dos Santos, entrevista realizada dia 01/04/2005, 55 anos, pedreiro, casado com Dona Ana Maria, mora em Jardinópolis desde 2001, atualmente reside no bairro Jardim Morumbi I.

Senhor Valdir

Valdir Guedes Cavalcante, entrevista realizada dia 01/04/2005, 59 anos, divorciado, pedreiro, mora em Jardinópolis desde 2003, atualmente reside no bairro Jardim Morumbi I.

Senhor Chaves

Luiz Roberto Chaves, entrevista realizada dia 01/04/2005, 51 anos, casado, policial civil, mora em Jardinópolis desde 1978, atualmente reside no bairro Centro.

JORNAIS

Folha de São Paulo

Informativo Tribuna de Jardinópolis

Notícias em Mídia

LIVRO

ELIAS, Roberto. **Jardinópolis 100 anos: viajando na história**. Jardinópolis: Gráfica Lima Ltda, 1998;

FOTOGRAFIAS

F1: Casa do bairro Jardim Morumbi I. 2005. Acervo Particular.

F2 Terreno baldio do bairro Jardim Morumbi I. 2005. Acervo Particular.

F3 Protesto dos moradores do bairro Jardim Morumbi I. 2005. Folha de São Paulo.

F4 Outdoor no bairro Jardim Morumbi I. 2005. Acervo Particular.

F5 e F6 - Região central da cidade. 2005. Acervo Particular.

F7 – Outdoor da Festa da Manga e Rodeio de Jardinópolis. 2005. Acervo Particular.

DADOS DO IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

DADOS DA DELEGACIA SECCIONAL DE RIBEIRÃO PRETO

BIBLIOGRAFIA

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, Roberto. **Jardinópolis 100 anos: viajando na história**. Jardinópolis: Gráfica Lima Ltda, 1998.

FAES, Ivana Arquejada. **Homens de Açúcar: a experiência de cortadores de cana**. PUC-SP, 2004.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?. In: **História & Perspectiva**. Uberlândia: EDUFU, 1992.

FENELON, Déa Ribeiro, MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de, KOURY, Yara Aun.(Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004.

FILHO, Paulo Beleti. **Diretrizes Físico Territoriais de Jardinópolis**. Monografia de Graduação do Curso de Arquitetura de Urbanismo. Ribeirão Preto: Centro Universitário Barão de Mauá, 2003.

FONTANA, Josep. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru: Universidade Sagrado Coração, 1998.

GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/B.Brasil, 1991.

_____. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX – 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. O Presente como História. In: **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. O Sentido do Passado. In: **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KOURY, Yara Aun e ALMEIDA, Paulo Roberto de. História Oral e Memórias – Entrevista com Alessandro Portelli. In: **História & Perspectiva**. Uberlândia: Edufu, 2001/2002.

MORAES, Sérgio Paulo de. **Trabalho e Cidade: trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia – 1970-2000**. UFU: 2002.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. In: **Revista Tempo** Vol. 1 n. 2, UFF, 1996.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. PUC-SP, vol. 9 nº 19, 1989/90.

SANTOS, Marina de Souza. **Memórias, trajetórias e viveres: a experiência de ser nordestino(a) em Dourados – MS(1940-2002)**. UFU-MG, 2003.

SOUZA, Ademar Cardoso de. **Jardinoelíssimas**. Jardinópolis: Folha de Jardinópolis, 1991.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2001.

_____. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia. das Letras, ----.